

DIOCESE
SANTA CRUZ DO SUL



PALAVRA DO BISPO

Dom Aloísio Alberto Dilli, OFM

2019

PALAVRA DO BISPO

Dom Aloísio Alberto Dilli, OFM

Volume 3

2019

FOTO DA CAPA: Homilia de Dom Aloísio durante a missa na Igreja Matriz São Sebastião Mártir de Venâncio Aires, quando foram crismados dezenas de adolescentes e jovens. (Crédito: André Henckes).

DIAGRAMAÇÃO: Evandro Luís Böhm

IMPRESSÃO: Lupa Graf, Santa Cruz do Sul, RS.

INTRODUÇÃO

Caros leitores e leitoras. Entre as inúmeras formas de comunicação, presentes na missão evangelizadora de nosso tempo, a edição de livros continua a ter significativa importância. Em nossa diocese, essa afirmação vale para os subsídios de formação em geral, para a catequese da Iniciação à Vida Cristã, para as pesquisas e, finalmente, como arquivo. Mas a comunicação através de livros torna-se sempre mais rara e, portanto, não pode tornar-se a única. Por isso nossas *mensagens semanais* circulam por diversos jornais e rádios da região do Vale do Taquari e do Rio Pardo, assim como por boletins e outros subsídios paróquias e, finalmente, se encontram em redes sociais, assim como em *E-book*, no site diocesano.

Em 2019, dentro do foco da Iniciação à Vida Cristã, destacamos na Diocese de Santa Cruz do Sul o *Ano da Eucaristia*. Assim sendo, além dos temas gerais do Ano Litúrgico e outros mais específicos, encontraremos no presente volume inúmeras mensagens que abordam o Sacramento da Eucaristia, com suas diversas dimensões, pois ela é, segundo o Concílio Vaticano II, a fonte e o centro de toda vida cristã; nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja. O Papa João Paulo II afirma que a Igreja vive da Eucaristia. Através dela o próprio Cristo eterniza sua Páscoa no hoje da história de todos os tempos. A Espiritualidade eucarística revela diversos aspectos ou dimensões em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente (memória) o Sacrifício da Cruz e a Ressurreição de Cristo (Páscoa), realizando a maior Ação de Graças possível pela salvação da humanidade, em todos os tempos, tornando-se fonte e ápice de toda evangelização. Portanto, viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico, longe de qualquer devocionismo ou intimismo, significa comungar sua vida, dada em sacrifício, tornando-nos, com Ele e os irmãos, oblação e ação de graças ao Pai em nossa missão evangelizadora.

Em 15 de novembro passado celebramos também os 60 anos da instalação de nossa diocese, merecendo atenção especial no livro. Tem sentido celebrar jubileus, à medida que também nós nos tornamos jubilandos, pois ele não é uma simples data histórica do calendário ou referência a um documento. Eu e você somos parte

dessa história. O Jubileu, parafraseando o Papa João Paulo II, nos faz olhar *com gratidão* para o passado, rico de fé e amor cristão; estimula para abraçarmos *com paixão* o presente, no sentido de nós assumirmos, como discípulos missionários responsáveis, a construção do Reino da Vida e do Amor, em nosso tempo; e olhar *com esperança* para o futuro desafiador que se descortina diante de nós e dos que nos seguirão (cf. NMI 1).

Dentro do processo de Iniciação à Vida Cristã, 2020 será o ano em que merecerá destaque particular o *Sacramento da Confirmação ou Crisma*, sempre em unidade com o *Batismo* (2018) e com a *Eucaristia* (2019). Neste espírito podemos afirmar com a Igreja: Iniciamos mais um *ano da graça de Nosso Senhor*.

A handwritten signature in black ink, reading "Dom Aloísio Alberto Dilli". The signature is written in a cursive, flowing style.

Dom Aloísio Alberto Dilli
Bispo de Santa Cruz do Sul

Janeiro 2019

O SENTIDO DA VIDA

Caros diocesanos. Iniciemos o ano de 2019, perguntando-nos sobre o sentido da vida. Na cultura dos povos a chegada da nova vida humana, normalmente, é saudada com boas-vindas e celebrada, de tempos em tempos, com manifestações festivas. Tudo revela que gostamos de viver e conviver. Aliás, gostaríamos que a vida neste mundo não tivesse fim. Contudo, toda pessoa humana traz escrito no mais profundo do seu ser o destino para a morte biológica, que gravita sobre a sua existência qual necessidade inevitável e como constante ameaça, sobretudo nos tempos de insegurança que vivemos hoje. O tema da morte atinge profundamente a pessoa humana, a tal ponto que ela até muda seu comportamento com Deus, com as outras pessoas, com o mundo e consigo mesma. O Concílio Vaticano II afirma: “*Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto alto... A semente da eternidade... insurge-se contra a morte*” (GS 18). Dentro de nós existe uma ânsia de eternidade, uma esperança de plenitude. De fato, fomos criados à imagem e semelhança do Criador. Existe em nós a semente da eternidade, da imortalidade, que vem chocar-se com a situação do limite humano, criado pelo pecado, trazendo consigo a morte. Era preciso, portanto, uma redenção para que a vida eterna fosse novamente possível, mesmo tendo que passar pela morte humana. Para os cristãos, esta redenção já foi conquistada por Jesus Cristo, esperando nossa adesão a ela pelo batismo e pela vida cristã coerente. Aliás, sem esta profissão de fé e prática consequente, os enigmas da vida e da morte tornam-se mistérios insolúveis. Sem Jesus Cristo, nossa vida na terra oferece no máximo uma espécie de *sucesso vazio*, que passa e se esvai como areia entre os dedos. Jesus resume o sentido da vida numa única frase: “*Aquele que crê no Filho tem a vida eterna*” (Jo 3, 36).

Através da história a pessoa humana sempre tentou dar resposta à cruciante pergunta sobre o sentido da sua existência. E há uma quantidade inumerável de respostas. No entanto, não existe resposta satisfatória sem o recurso à fé, à religião; ou temos que ser coerentes como o filósofo ateu Jéan Paul Sartre, que afirma ser a vida

1: A numeração das Mensagens começa em agosto 2016 (cf. Livro Palavra do Bispo 2016-2017, pp. 9-152).

um caminhar para o nada, o vazio, a morte; sendo a vida, portanto, uma *“paixão inútil”*. Neste contexto, o grande líder espiritual e pacifista indiano, Mahatma Ghandi, afirma: *“Uma vida sem religião é como um barco sem leme”*. O físico judeu Albert Einstein diz que *“não há oposição entre ciência e religião; apenas há cientistas atrasados”*. O gênio da física também se pergunta: *“Tem um sentido a minha vida? A vida de um homem tem sentido? Posso responder a tais perguntas se tenho espírito religioso. Mas, ‘fazer tais perguntas tem sentido?’ Respondo: ‘Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver’*. E conclui: *“Só uma vida dedicada aos outros merece ser vivida”*.

Caros amigos. Hoje fazemos nós esta pergunta: Qual o sentido de minha, de sua vida? Em que direção nós vamos, no início de mais um ano? Jesus disse: *“Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”* (Mt 6, 21). Quais são os verdadeiros tesouros de nossa vida? O mundo atual não é definitivo. Estamos de passagem nesta terra; a morada permanente se perpetuará com Deus, na eternidade, se tivermos optado por Ele. Aqui é bom lembrar Bento XVI: *“Aquele que crê tem futuro”*. Desejamos a todos um abençoado Ano Novo, cheio de sentido para a vida!

PEREGRINOS E ESTRANGEIROS NESTE MUNDO

Caros diocesanos. Estamos no período de férias e muitos têm a possibilidade de pensar sobre temas que ficam um tanto despercebidos em outras épocas, mesmo que sejam essenciais em nossa vida. Assim, hoje desejamos refletir sobre a condição de peregrino, que vive o ser humano. Nas aulas de filosofia aprendemos que a pessoa humana é um *ser em devir* (vir a ser), um ser em formação e transformação constante, pois nunca está pronto. Nos tempos de juventude, fase da vida em que é bem perceptível a transitoriedade, nós sonhávamos em fundar um grupo de missionários com a denominação: “*Peregrinos do Infinito*” ou “*Ciganos de Cristo*”, para indicar que estamos sempre a caminho, que não há lugar definitivo ou de chegada, neste mundo. Em sentido teológico, esta saudade e sede do infinito ou inquietação nos remetem ao que Santo Agostinho expressa, em sua profunda experiência de conversão: “*Fizestes-nos para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Vós*” (*Confissões*, I, 1, 1). Nossa referência máxima, enunciada por Jesus, é o próprio Deus: “*Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48). Somente nele atingiremos a finalidade para a qual fomos criados. Ele é nossa casa, morada perfeita no amor. Enquanto estamos a caminho, como santos e pecadores (Oração Eucarística V), nós temos como meta estar em Deus e Ele em nós, sendo casa, um para o outro. As cartas apostólicas seguidamente saúdam os cristãos como “*migrantes e forasteiros*” neste mundo (cf. 1Ped 2, 11), pois sua morada está nos céus (cf. Fl 3, 20): “*não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da que está para vir*” (Hbr 13, 14). O que nos atrasa ou impede neste caminhar para Deus é o pecado. Ele é como uma paralisia interior que nos imobiliza ou nos afasta do alvo; é o estado da mediocridade que acomoda o caminhar na direção desviada da meta de Deus.

Pelo refletido acima, nós cristãos nos damos conta que somos seres a caminho. Não estamos definitivamente em casa, onde nos encontramos. De certa forma, nos sentimos estranhos, neste mundo, pois nossa verdadeira pátria é outra. Vivemos hoje numa sociedade de consumo, onde tudo parece ser transitório, passageiro, descartável, influenciando decididamente em nossas relações com as

pessoas, com as coisas e até em opções religiosas. Neste contexto, o que vale é o presente, os desejos do aqui e agora; enquanto o definitivo ou o eterno parecem excluídos do vocabulário das pessoas. A grande frustração desta constante transitoriedade é não oferecer valores seguros, perenes. Assim a pessoa humana vive em estado de insaciabilidade. Mesmo que busque constantemente novidades, ela se frustra, pois nada parece conduzir ao eterno, ao saciável, uma vez que a fragilidade humana indica para o limite, para o fim, para a morte, com a sensação de a vida ser realmente uma *paixão inútil*, dando razão a Sartre.

Caros diocesanos. Neste tempo de férias temos oportunidade de descansar, de encontrar amigos, familiares, de viajar, de ler, de meditar. Que este momento também permita refletir sobre a vida, seu sentido, suas relações, sua meta. O Espírito do Senhor e seu santo modo de operar nos acompanhem e nos conduzam ao encontro do verdadeiro sentido da vida. O Deus da misericórdia tenha compaixão de nós e, diante de nossa firme disposição de recomeçar sempre o caminho, que a Ele conduz, nos perdoe os desvios de rota e nos reconduza ao sentido da verdadeira vida, a qual tem destino eterno, junto com Ele e os Irmãos.

SAUDADES DO INFINITO

Caros diocesanos. Nos anos da juventude, quando a vida se apresentava particularmente cheia de desafios, sonhos e utopias, com frequência, nós usávamos a expressão: *Saudades do infinito*. Num primeiro momento, certamente, ela se identificava como algo indefinido e vago, por vezes, como sentimento de saudade. À medida que os anos passaram, os estudos de filosofia se encarregaram de provocar novamente em nós a citada expressão, sobretudo, quando ouvíamos de nossos professores que o ser humano estava num constante *vir-a-ser*, sem identidade pronta ou definida, sempre se projetando para o futuro. Nesta fase da vida, a teologia ainda não nos havia revelado a profunda experiência pela qual o filósofo e teólogo Santo Agostinho (séc. V) tinha passado, até encontrar-se verdadeiramente com Deus, quando proclama magistralmente: “*Nos fizestes para vós e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em vós*” (Santo Agostinho, Confissões, I, 1,1). A partir da fé, podemos entender Santo Agostinho na sua busca incansável sobre a verdade e a plenitude de sua vida. Ele também sentia saudades do infinito, mas sua conversão, que o fez encontrar o Senhor, demorou a chegar: “*Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te buscava fora de mim (...) Brilhaste e resplandeceste diante de mim, e expulsaste a cegueira dos meus olhos. Exalaste o teu Espírito e aspirei teu perfume, e desejei-te. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e abrasei-me na tua paz*” (Confissões 10, 27-29). Como Santo Agostinho, cada um de nós pode contar sua experiência de encontro de fé com a pessoa de Jesus Cristo e que mudou a nossa vida, ou seja, quando começamos a viver a partir dele como “*sujeitos novos*”, como discípulos missionários (cf. DAp 243).

Anos atrás, a Revista *Cidade Nova* editou artigo, com o título: “*Matar a ‘Saudade do Infinito’*”, do psicólogo clínico, Diviol Rufino (cf. Ed 569, Ano LV, setembro de 2013, p. 40). Nada melhor para ampliar o leque das ciências que abordam o tema da *Saudade do Infinito*. Após afirmar com que se ocupa a jovem ciência da psicologia, o autor afirma: “*Muitos profissionais desse campo descobrem que existe uma ferida que esta ciência, por si mesma,*

não pode curar: a 'saudade do infinito', ou seja, do transcendente. A mera racionalidade não atende essa expectativa". Para confirmar seu modo de pensar, o autor cita um profundo conhecedor da experiência humana do pós-guerra, Iginio Giordani, quando este psicólogo profeticamente afirmava: "É porque rejeitamos os ensinamentos da religião que nos é difícil perceber as mutilações mais graves do laicismo. Ter afastado a religião da nossa vida significa ter reduzido a cultura à erudição, a vida à técnica, a ciência aos manuais. Significa ter privado o espírito do homem dos valores do espírito. Significa ter tirado da sociedade os princípios constitutivos, para compor-se e reger-se; ter tirado dela o critério de escolha entre o bem e o mal, com o senso de responsabilidade e a consciência da culpa... O homem aprende como se faz uma máquina e ignora como ele próprio é feito. Sabe para que serve a atmosfera e ignora para que serve a sua alma" (idem).

Por isso, caros diocesanos e demais irmãos, nunca abafemos a *saudade do infinito*, pois ela é fundamental em nossa vida para encontrarmos seu verdadeiro sentido! Enquanto continuamos nossas férias ou tempo de trabalho, pensemos nisso.

SER PONTE DE PAZ E BEM

Caros diocesanos. Certamente, desde a infância, todos nós aprendemos o que é uma ponte, pois as usamos com muita frequência. Elas podem ter formas diversas e ser construídas com diferentes materiais, mas sempre acabam ligando margens opostas de cursos de água, de banhados ou vales. Em sentido figurado, junto com os dicionários, podemos dizer que ponte é qualquer elemento que estabelece ligação, contato, comunicação entre pessoas ou coisas. É então que chegamos a falar em *ser ponte* ou *fazer ponte* entre pessoas que se aproximam sempre mais ou entre pessoas que aos poucos, ou mesmo repentinamente, vem criando margens, por vezes bem distantes, e necessitam de pontes de encontro ou de reencontro, de reconciliação, de misericórdia e de perdão, tanto no mundo civil quanto no religioso.

Ao escrever este artigo lembro que a Igreja usa o termo *Pontífice* para referir-se ao Papa. Ele é o *pontifex* (*pons* = ponte + *facere* = fazer), *aquele que faz ponte* entre Deus e a Igreja – Povo de Deus -, da qual ele é o representante máximo, tornando-se o primeiro administrador da multiforme graça de Deus (cf. 1Pd 4, 10). Sabemos que o verdadeiro e definitivo Pontífice, Aquele que ligou (reconciliou) o céu e a terra, é o próprio Cristo. Depois de ter oferecido um sacrifício único, sentou-se para sempre à direita de Deus (cf. Hbr 10, 12). Jesus confiou este poder-serviço de ser ponte para os apóstolos e seus sucessores. Por isso, em comunhão com o Papa, Sumo Pontífice, estão também os bispos, por ele nomeados, os presbíteros e os diáconos, como colaboradores da ordem episcopal. Todos receberam a graça da ordenação e se tornam quais *pontes* (pontífices) ou administradores da graça de Deus para seu povo. Não por seu mérito, mas por vocação, por graça de Deus.

Contudo, o ser ponte pode ter um sentido ainda mais amplo. Todo cristão batizado pode e deve ser qual ponte de paz e de bem que interliga as pessoas. Como são importantes aqueles e aquelas que exercem um verdadeiro serviço de comunhão, de reconciliação em nossas famílias, comunidades e na sociedade em geral. São pessoas que constroem a paz e a fraternidade. Edificam pontes de amor onde os encontros ou reencontros, por vezes, até parecem distantes. Isso

nos faz lembrar a bela missão das lideranças de nossas comunidades, que zelam pelo crescimento de unidade e de comunhão entre os fiéis. Refiro-me aos Conselhos, aos Ministros extraordinários aos Catequistas e todos os que cultivam o espírito da paz e do bem. Unidos a eles e elas, rezemos a *Oração da Paz*, normalmente atribuída a São Francisco de Assis - o santo da fraternidade universal:

“Senhor!

Fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvidas, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna”. Com a graça do Senhor, sejamos pontes de paz!

Fevereiro 2019

O PERIGO DO RELATIVISMO RELIGIOSO

Caros diocesanos. O tempo que vivemos é invadido por diversos modos de pensar e agir, entre os quais se destaca o relativismo. Esta corrente de pensamento entende que nada podemos afirmar a respeito de algo, porque tudo é relativo e depende do ponto de vista de cada um, portanto, podendo incorrer num subjetivismo sem limites. Segundo este modo de pensar, não existe o certo e o errado, o positivo e o negativo; existem opiniões diferentes e justapostas. Portanto, uma determinada pessoa pode considerar algo como certo e outra pode considerá-lo errado, não havendo como definir quem tem razão. Os relativistas acham que ninguém tem autoridade para ensinar aos outros o bem e o mal, o moral e o imoral. Muitos vivem sem referências de valores e princípios pelos quais procuram orientar-se. O certo e o errado tornaram-se conceitos vagos, pois cada um escolhe e decide como quer. Neste contexto, ficam bem os programas da Mídia em que cada um pode afirmar o que quer, a pretexto de liberdade. Afinal, *“você é quem decide”*. Em consequência, há pais e mães que já não se empenham em deixar claro para seus filhos qual o melhor caminho para seguir na vida ou sentem-se confusos para orientá-los, diante de tanto relativismo que os cerca. Há também casos em que os pais orientam de uma determinada maneira, em casa, e na escola é transmitido outro tipo de orientação. Esse modo de pensar vai penetrando e corroendo todos os campos da sociedade: está na grande mídia, nas redes sociais, entra em decisões dos diversos poderes públicos e até no sistema educacional. As crianças já vêm sendo mergulhadas nesse modo de enxergar a vida, e vão sendo influenciadas à medida que avançam na caminhada escolar e o contato com a sociedade. Vivemos os tempos em que tomar partido a respeito de determinados assuntos, sobretudo se considerados polêmicos, já é motivo para ser considerado conservador, antiquado.

Como ficamos nós católicos diante desse modo de pensar e viver? Cada um vai fazer sua religião, sua moral, sua ética e tudo fica no campo individual e subjetivo? Jesus Cristo seria alguém a ser seguido à medida que estiver de acordo conosco? Neste sentido alerta-nos a Igreja: *“O individualismo penetra até mesmo em certos*

ambientes religiosos, na busca da própria satisfação, prescindindo do bem maior, o amor de Deus e o serviço aos semelhantes. Oportunistas manipulam a mensagem do Evangelho em causa própria. Já não é mais a pessoa que se coloca na presença de Deus, como servo atento (1 Sm 3,9-10), mas é a ilusão de que Deus pode estar a serviço das pessoas” (DGAE 2011-2015, n. 22; cf. tb. DGAE 2015-2019, n 25 e DAp n. 479-480).

Caros diocesanos. Eis o perigo do relativismo, que vem se alastrando na sociedade e que pode corroer até nossa fé cristã. É importante termos clareza do que Jesus nos ensinou no Evangelho, por palavras e pelo modo de vida, cheio do espírito da gratuidade, da alteridade, da paz e da justiça, caminho totalmente oposto ao individualismo egoísta. Seu *Mandamento Novo*, que ensina o Amor-serviço e nos reúne em comunidades evangelizadoras a serviço do Reino, será sempre nossa referência maior: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos... O que vos mando é que vos ameis uns aos outros*” (Jo 15, 13 e 17). Os valores que nos orientarão na vida se inspirarão sempre neste Evangelho. Será a Palavra de Deus a nos guiar, qual luz em nosso caminho (Sl 119, 105).

EGO E ALTERIDADE

Caros diocesanos. Em nossas relações humanas manifestam-se os mais diversificados interesses. Ao tentarmos sintetizá-los, poderíamos falar em dois pólos que centralizam: o *Ego* (Eu) e a *Alteridade* (os Outros/as). De um lado somos indivíduos, pessoas únicas, não havendo ninguém igual a nós; mas percebemos, que não é possível viver sozinho, pois dependemos dos outros e do mundo que nos cerca. Diz corretamente o filósofo Ortega y Gasset: “*Eu sou eu e minha circunstância*”. Somos seres-no-mundo, portanto, interdependentes. Ninguém de nós é uma ilha isolada.

Quando esta inter-relação do *ego* e da *alteridade* é harmoniosa, o resultado será normalmente uma convivência feliz e enriquecida, pacífica e animadora. O contrário também é verdadeiro: o desequilíbrio das relações causa infelicidade e cria conflitos, desajustes em nós, com os outros ao redor de nós.

Sempre mais nos damos conta que o relativismo, com suas raízes presas no individualismo egoísta, como vimos na mensagem anterior, traz consigo uma série de conflitos, dificultando a harmoniosa convivência fraterna, seja no mundo das relações humanas, seja com o planeta, nossa casa comum, como diz o Papa Francisco. Pela fé cristã aprendemos que Jesus Cristo deu sua vida para que nós tivéssemos vida em abundância (Jo 10, 10). Ele derrotou na cruz o desequilíbrio causado pela morte sobre a vida; ensinou-nos pelo amor a vencer o egoísmo, que gera a morte da alteridade: das pessoas, da natureza, do planeta.

Dentro do clima de valorização cristã da alteridade, de amor aos irmãos e irmãs e do cuidado e respeito pela vida no planeta, queremos olhar para São Francisco de Assis, o santo da fraternidade universal, e rezar junto com ele o *Cântico das Criaturas*:

“Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas; especialmente, com o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos alumias. E ele é belo e radiante, com grande esplendor; de ti, Altíssimo, é sinal.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas, que no céu formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, pelo ar e pelas nuvens,

pelo sereno e todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é mui útil e humilde e preciosa e pura.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite. E ele é belo, jucundo e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã e mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz diversos frutos e coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor, e sustentam enfermidade e tribulação.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz, porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a Morte corporal, da qual homem algum pode escapar...

Louvai e bendizei a meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-O com grande humildade”.

Com votos de Paz e Bem, abençoamos a todos no espírito da fraternidade universal.

O MITO DE SÍSIFO

Estimados diocesanos. Nos anos ‘70, durante os estudos de Filosofia, lemos o livro do existencialista Albert Camus: *A Peste*. Usando o antigo mito de Sísifo, o autor descreveu a estória de uma aldeia argelina, atingida pela peste bubônica que levaria a maior parte das pessoas, senão todas, à morte; mas mesmo assim era preciso lutar contra o mal que ceifava vidas sem parar. O livro foi motivado pela segunda Guerra Mundial e suas conseqüências, servindo como metáfora para questões surgidas após o conflito.

Trata-se de um romance que coloca o homem frente à situação-limite que mais o aflige: a morte. Não tanto como resultado do ciclo normal da existência, mas a morte trágica, dolorosa, com sofrimento; identificada como um capricho cruel que surge de repente, impondo um fim gradual, pavoroso, absurdo; sequer admitindo esperança de alteração do quadro. Na época, outros autores existencialistas alimentaram a mesma crise filosófica-existencial, como Jean Paul Sartre, considerando a vida um absurdo caminhar para o nada, para o vazio, para a morte, portanto, “*uma paixão inútil*”.

Mas o que mesmo significa o mito de Sísifo? Os povos antigos gostavam de usar comparações, estórias, mitos, para ensinar. A mitologia grega conta que Sísifo, por amar a vida e menosprezar os deuses e a morte, foi condenado a realizar um trabalho inútil e sem esperança, por toda a eternidade. Devia empurrar, sem descanso, enorme pedra na direção do alto de uma montanha, ciente de que não alcançaria o objetivo, pois ela rolaria abaixo novamente para que o absurdo herói mitológico descesse em seguida até a planície e empurrasse mais uma vez a enorme pedra para o alto, e assim continuar numa repetição monótona e interminável através dos tempos. O inferno de Sísifo era a trágica condenação de estar realizando algo, sem esperança e que a nada levaria.

Se a segundo Guerra Mundial, retratada simbolicamente por Camus na peste da aldeia argelina, dizimara absurdamente milhões de vidas humanas, surgiria talvez a mais inquietante pergunta do século vinte ou de toda história da humanidade: Qual é mesmo o sentido da vida, se tudo acaba na morte, tantas vezes trágica e absurda? Não seríamos também nós como Sísifo, tentando rolar todos os dias

uma enorme pedra na direção do topo de uma montanha para depois despencar, ladeira abaixo, e ser empurrada novamente, sem sucesso, já previsto, no dia seguinte? Não estaríamos empenhados num grande esforço, num grande sacrifício que poderia não estar levando a nada como o sisifismo da mitologia ou à “*paixão inútil*” de Sartre?

Para nós cristãos, alimentados pela fé, mesmo cientes do caminhar para a morte física, que um dia nos visitará, há uma nova luz em meio ao pensar trágico dos filósofos existencialistas ateus, pois se não havia possibilidade de salvação para a pessoa humana, por si mesma, o próprio Deus, em sua misericórdia (=Deus colocou seu *coração* junto à nossa *miséria*), por Jesus Cristo, assumiu nossa condição humana e a redimiu, rolando definitivamente a pedra de Sísifo ao topo da montanha, pela cruz do calvário, dando esperança e sentido à vida, até ao sofrido rolar da pedra, e ensinando a dar-nos as mãos para fazê-lo juntos, em comunhão fraterna e unidos a Ele. Pela morte e ressurreição, Jesus Cristo veio redimir nossa condição humana trágica e abriu as portas da eternidade, dando novo sentido para a vida, alimentando-a com a dimensão da esperança e da alegria. Com Ele e os irmãos também nós conseguiremos rolar a pedra ao topo da montanha.

O DÍZIMO CRISTÃO

Caros diocesanos. Por solicitação de irmãos nossos, hoje vamos falar sobre o dízimo ou outras formas de colaboração equivalentes, normalmente entendida como aquela contribuição financeira e periódica que o cristão oferece livremente para a comunidade, à qual pertence e da qual participa, com o objetivo de ajudar a fim de que possa acontecer tudo o que envolve a evangelização na comunidade, razão de ser da própria Igreja, pois ela existe para evangelizar (cf. EN 14). O dízimo permite que a comunidade sobreviva, se mantenha, possa prestar seus serviços, consiga ajudar os necessitados, enfim, realize sua missão evangelizadora. Junto com a contribuição financeira, a comunidade precisa dos dons e talentos de cada membro, de seu envolvimento concreto e voluntário. Pensando assim, o dízimo é, antes de tudo, um compromisso de fé e de amor com a comunidade, em que assumimos nosso batismo como membros participantes e coerentes, onde vivemos o espírito da partilha e da doação, fundamentados no mandamento do amor, síntese de todo evangelho. O dízimo é também um sinal concreto de amor e gratidão a Deus pelos dons que recebemos, sobretudo, pelo seu imenso amor que nos quer participantes de sua vida. Para ajudar-nos na reflexão, vejamos como escreve São Paulo aos Coríntios, ao motivar uma coleta em benefício dos cristãos de Jerusalém, em urgente necessidade: *“É bom lembrar: ‘Quem semeia pouco também colherá pouco, e quem semeia com largueza colherá também com largueza’. Que cada um dê conforme tiver decidido em seu coração, sem pesar nem constrangimento, pois ‘Deus ama quem dá com alegria’. Deus é poderoso para vos cumular de toda sorte de graças, para que, em tudo, tenhais sempre o necessário e ainda tenhais de sobra para empregar em alguma boa obra”* (2Cor 9, 6-8). Neste texto bíblico, como em outros, percebemos que o dízimo ou contribuições semelhantes praticadas nas primeiras comunidades cristãs tornam-se expressão de um ato de fé, de gratidão, de amor a Deus e aos irmãos.

Pelo que vimos acima, o dízimo não pode ser confundido com pagamento de taxa de sócio, como se a Igreja fosse um clube ou uma sociedade, a qual existe apenas para prestar determinados serviços (sacramentos, enterros...) e muito menos ainda como se

fosse uma instância para comprar as bênçãos de Deus, seus favores e milagres. Portanto, o dízimo não é imposto, pagamento ou taxa. A graça de Deus não tem preço e não pode ser comprada. Assim compreendemos que o dízimo é uma devolução generosa, um sinal de gratidão e partilha consciente e responsável, dentro do espírito do verdadeiro sentido de nosso batismo, quando nos tornamos filhos de Deus e irmãos dos outros. A atitude filial e fraterna da fé abre os corações dos fiéis e tornam a partilha um gesto normal e coerente; enquanto que atitudes egoístas e avarentas fecham os corações e consideram a partilha como algo difícil e até desnecessário.

Segundo o verdadeiro espírito do dízimo cristão, todo batizado é convidado a ajudar em sua comunidade, proporcionalmente com sua situação de vida; a contribuição dos pobres, por menor que seja, é também muito valiosa e importante, pois ninguém é tão pobre que não tenha nada a repartir; o que lembra a oferta da viúva, elogiada por Jesus no evangelho (Mc 12, 41-44). E quem tem mais recursos ajude generosamente na proporção de suas possibilidades. O dízimo não é imposição, mas ato generoso, coerente com a vida cristã, orientado pelo mandamento do amor, que Jesus nos deixou.

Março 2019

**TEMPO DA QUARESMA E
CAMPANHA DA FRATERNIDADE**

Estimados diocesanos. Estamos iniciando a quaresma em nossa vida cristã. Desde os primórdios do cristianismo (séc. IV) esse tempo surge com o objetivo de preparar a Páscoa, celebração central do Ano Litúrgico. A quaresma, que inicia na quarta-feira de cinzas, sempre recebeu um caráter de penitência e de conversão de vida. Por isso a Igreja propõe aos fiéis alguns exercícios físico-espirituais, inspirados no evangelho: jejum, esmola e oração (Mt 6, 1-18). O *Jejum* convida para um esvaziamento, uma abstenção para despertar a fome de Deus e a disposição de saciar a fome dos irmãos e irmãs em necessidade. A *Esmola* consiste no gesto da partilha, da entrega e do cuidado. O amor e a misericórdia se tornam concretos, indo ao encontro do outro para partilhar; é o gesto de sair de si para cuidar de quem precisa mais do que nós. Na quaresma até fazemos a Campanha da Fraternidade, ou seja, uma campanha para sermos mais fraternos, mais irmãos e irmãs. A *Oração*: ao escutarmos e meditarmos a realidade que nos cerca, sobretudo a partir da Palavra de Deus, é despertada em nós a necessidade da prece, da oração. Na sua Palavra Deus se revela como amor e misericórdia infinita, o que nos faz louvar e agradecer, assim como suplicar a força e a graça para sermos discípulos missionários desse amor, manifestando o espírito da fraternidade aos irmãos.

Como percebemos acima, o evangelho nos impulsiona ao encontro de Deus e dos irmãos. A Igreja do Brasil, através da CNBB, para ser fiel a este apelo propõe em cada quaresma uma temática social concreta que revela necessidade de conversão, a partir da qual se faz uma Campanha da Fraternidade. Em 2019 o tema escolhido é: “*Fraternidade e Políticas públicas*”, tendo como frase bíblica inspiradora: “*Será libertado pelo direito e pela justiça*” (Is 1, 27). O objetivo da campanha foi assim estabelecido: “*Estimular a participação em Políticas Públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais de fraternidade*” (cf. Texto-Base da CF, p. 8).

O que entendemos por Políticas Públicas? São as ações discutidas, aprovadas, programadas e executadas para que todos os

cidadãos e cidadãs possam ter uma vida digna. Consistem, portanto, na busca de soluções específicas para necessidades e problemas da sociedade, através das quais o Estado busca garantir segurança, ordem, bem-estar, dignidade, por meio de ações concretas, baseadas no direito e na justiça, como lembra o profeta Isaías. No entanto as Políticas Públicas não competem somente ao Estado, mas também deve acontecer na relação das instituições e dos diversos participantes envolvidos na solução de determinados problemas, seja em nível individual ou coletivo.

Assim percebemos que a Igreja, Povo de Deus, tem uma importante missão na transformação do mundo segundo o plano de Deus. Os batizados em sua missão no mundo participam na construção de Políticas Públicas que construam fraternidade, inspiradas no direito e na justiça.

Desejamos boa quaresma para todos e uma Campanha da Fraternidade cheia de gestos concretos e fraternos.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019

Estimados diocesanos. Na quarta-feira de cinzas iniciamos a quaresma, tempo que tem o objetivo de preparar-nos para a Páscoa. A quaresma recebe um caráter de penitência e de mudança de vida. Por isso a Igreja propõe aos fiéis alguns exercícios físico-espirituais, inspirados no evangelho: jejum, esmola e oração (Mt 6, 1-18), convidando para despertar a fome de Deus e a disposição de saciar a fome dos irmãos em necessidade por gestos de partilha e de cuidado fraterno. Na quaresma até fazemos a Campanha da Fraternidade, ou seja, uma campanha para sermos mais irmãos e irmãs. É também tempo propício para oração e escuta da Palavra de Deus. Na Escritura Deus se revela como amor e misericórdia, o que nos faz louvar e agradecer, assim como pedir perdão e suplicar a força para sermos semelhantes a Ele em relação aos irmãos. Atitudes de misericórdia ajudam a superar os ídolos do saber, do poder e do possuir, que alienam e fecham o coração à graça do encontro com Jesus Cristo e à vida plena da comunidade.

Impulsionada pelo evangelho, a Igreja do Brasil, através da CNBB, propõe em cada quaresma uma temática social concreta que revela necessidade de conversão, de transformação, a partir da qual se faz uma Campanha da Fraternidade. Em 2019 o tema escolhido é: *“Fraternidade e Políticas públicas”*, tendo como frase bíblica inspiradora: *“Será libertado pelo direito e pela justiça”* (Is 1, 27) e com o objetivo: *“Estimular a participação em Políticas Públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais de fraternidade”* (cf. Texto-Base da CF, p. 8).

As Políticas Públicas consistem nas ações discutidas, decididas, programadas e executadas em favor de todos os membros da sociedade, especialmente para os mais necessitados. Elas são da responsabilidade, principalmente, do Governo e do Estado. *Do Governo*, porque ligadas a determinados executores temporários; e *do Estado*, porque são ações permanentes, como educação, saúde, segurança pública, saneamento básico, ecologia e outros. No entanto, as Políticas Públicas não são responsabilidade somente do Governo e do Estado, mas de todos os envolvidos em determinado problema

(instituições e atores): consumidores, empresários, trabalhadores, corporações, centrais sindicais, mídia e outros. Portanto, participar das discussões e execução das políticas públicas é ajudar a construir a fraternidade e a resgatar a dignidade de muitos irmãos e irmãs (cf. Texto-Base, nn. 8, 9, e 21). A verdadeira política é o cuidado para com o que é comum e o esforço de realizar ações que ajudem na integração de todos na sociedade. É tarefa de todo cristão participar na elaboração e concretização de ações que visem melhorar a vida de todas as pessoas. Isso é fazer obras de misericórdia (Texto-Base, n. 12). É neste contexto que entendemos o Papa Francisco quando fala da dimensão social da evangelização, afirmando: “*A política é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum*” (EG 205).

As formas mais comuns de participação, própria dos leigos, nas Políticas Públicas, como expressão do direito e da justiça, são: Audiências públicas, Conselhos paritários, Conferências, Fóruns e Reuniões, Movimentos sociais (Texto-Base, nn. 96-100, 162, 169, 179 e 194). Que a CF nos ajude a tornar-nos mais irmãos através das Políticas Públicas.

ORAÇÃO E HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019

Estimados diocesanos. Nossa quaresma avança na direção da Páscoa, seu ponto de chegada. A liturgia deste tempo nos propõe um caráter de penitência e de mudança de vida, que a Igreja, inspirada na Palavra de Deus, expressa através da Campanha da Fraternidade, ou seja, uma campanha para sermos mais irmãos e irmãs; e isto ela faz em relação a uma temática social concreta que revela necessidade de conversão. Em 2019 o tema escolhido é: *“Fraternidade e Políticas públicas”*, tendo como frase bíblica inspiradora: *“Será libertado pelo direito e pela justiça”* (Is 1, 27) e com o objetivo: *“Estimular a participação em Políticas Públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais de fraternidade”* (cf. Texto-Base da CF, p. 8). As Políticas Públicas consistem nas ações discutidas, decididas, programadas e executadas em favor de todos os membros da sociedade, especialmente para os mais necessitados. Portanto, participar das discussões e execução das políticas públicas é ajudar a construir a fraternidade e a resgatar a dignidade de muitos irmãos.

A CF de todos os anos usa determinados meios para sua efetivação: cartaz, texto-base, oração, celebrações, hino, etc. Em mensagens anteriores refletimos sobre o tempo da quaresma e o sentido mais amplo da Campanha da Fraternidade. Hoje apresentaremos a Oração e o Hino que certamente enriquecerão nossa compreensão da CF.

ORAÇÃO:

*“Pai misericordioso e compassivo, que governais o mundo com justiça e amor,
dai-nos um coração sábio para reconhecer a presença do vosso Reino entre nós.*

Em sua grande misericórdia, Jesus, o Filho amado, habitando entre nós

testemunhou o vosso infinito amor e anunciou o Evangelho da fraternidade e da paz.

Seu exemplo nos ensine a acolher os pobres e marginalizados, nossos irmãos e irmãs

com políticas públicas justas, e sejamos construtores de uma sociedade humana e solidária.

O divino Espírito acenda em nossa Igreja a caridade sincera e o amor fraterno;

a honestidade e o direito resplandeçam em nossa sociedade e sejamos verdadeiros cidadãos do “novo céu e da nova terra”.

Amém!

HINO:

1. “Eis que o Senhor fez conhecer a salvação e revelou sua justiça às nações”.

Que, neste tempo quaresmal, nossa oração transforme a vida, nossos atos e ações.

REF: Pelo direito e a Justiça libertados, povos, nações de tantas raças e culturas.

Por tua graça, ó Senhor, ressuscitados, somos em Cristo, hoje, novas criaturas.

2. Foi no deserto que Jesus nos ensinou a superar toda ganância e tentação.

Arrependei-vos, eis que o tempo já chegou. Tempo de Paz, Justiça e reconciliação.

3. Em Jesus Cristo uma nova aliança quis o Senhor com o seu povo instaurar.

Um novo reino de justiça e esperança, fraternidade, onde todos têm lugar.

4. Ser um profeta na atual sociedade, da ação política, com fé, participar

É o dom de Deus que faz, do amor, fraternidade, e bem comum faz bem de todos se tornar!

O Senhor abençoe nosso tempo de quaresma e Campanha de Fraternidade.

MENSAGEM DA DIOCESE – 135
(Mensagens para Rádios e Jornais - Março/2019)

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA A CF 2019 NO BRASIL**

Caros Diocesanos. Circulam nas redes sociais mensagens difamando a Campanha da Fraternidade e desestimulando os fiéis a dela participarem. Para estes e outros é bom lembrar o que o Papa Francisco escreve sobre a Campanha da Fraternidade. Somos ou não somos da Igreja presidida pelo Papa Francisco? Eis as palavras do Papa:

“Queridos irmãos e irmãs do Brasil! Com o início da Quaresma, somos convidados a preparar-nos, através das práticas penitenciais do jejum, da esmola e da oração, para a celebração da vitória do Senhor Jesus sobre o pecado e a morte. Para inspirar, iluminar e integrar tais práticas como componentes de um caminho pessoal e comunitário em direção à Páscoa de Cristo, a Campanha da Fraternidade propõe aos cristãos brasileiros o horizonte das ‘políticas públicas’.

Muito embora aquilo que se entende por política pública seja primordialmente uma responsabilidade do Estado cuja finalidade é garantir o bem comum dos cidadãos, todas as pessoas e instituições devem se sentir protagonistas das iniciativas e ações que promovam ‘o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição’ (GS 74).

Cientes disso, os cristãos – inspirados pelo lema desta Campanha da Fraternidade ‘Serás libertado pelo direito e pela justiça’ (Is 1,28) e seguindo o exemplo do divino Mestre que ‘não veio para ser servido, mas para servir’ (Mt 20,28) – devem buscar uma participação mais ativa na sociedade como forma concreta de amor ao próximo, que permita a construção de uma cultura fraterna baseada no direito e na justiça. De fato, como lembra o Documento de Aparecida, ‘são os leigos de nosso continente, conscientes de sua chamada à santidade em virtude de sua vocação batismal, os que têm de atuar à maneira de um fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus’ (n. 505).

De modo especial, àqueles que se dedicam formalmente à política – à que os Pontífices, a partir de Pio XII, se referiram como uma

'nobre forma de caridade' (cf. Papa Francisco, Mensagem ao Congresso organizado pela CAL-CELAM, 1/XII/2017) – requer-se que vivam 'com paixão o seu serviço aos povos, vibrando com as fibras íntimas do seu etos e da sua cultura, solidários com os seus sofrimentos e esperanças; políticos que antepõem o bem comum aos seus interesses privados, que não se deixem intimidar pelos grandes poderes financeiros e mediáticos, sendo competentes e pacientes face a problemas complexos, sendo abertos a ouvir e a aprender no diálogo democrático, conjugando a busca da justiça com a misericórdia e a reconciliação' (ibid.).

Refletindo e rezando as políticas públicas com a graça do Espírito Santo, faço votos, queridos irmãos e irmãs, que o caminho quaresmal deste ano, à luz das propostas da Campanha da Fraternidade, ajude todos os cristãos a terem os olhos e o coração abertos para que possam ver nos irmãos mais necessitados a 'carne de Cristo' que espera 'ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós' (Bula Misericórdia vultus, 15). Assim a força renovadora e transformadora da Ressurreição poderá alcançar a todos fazendo do Brasil uma nação mais fraterna e justa. E para lhes confirmar nesses propósitos, confiados na intercessão de Nossa Senhora Aparecida, de coração envio a todos e cada um a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Vaticano, 11 de fevereiro de 2019. [Franciscus PP.]". Desejamos abençoada Quaresma.

QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - I

Caros diocesanos. Vivemos a quaresma, tempo de preparação para a Páscoa, solenidade maior do nosso Ano Litúrgico. Já celebramos a Quarta-Feira de Cinzas, que destaca o aspecto penitencial deste tempo, e iniciamos a Campanha da Fraternidade para tornar-nos mais sensíveis ao nosso próximo, sobretudo, aos irmãos mais necessitados.

A quaresma é um tempo em que a Palavra de Deus é ricamente distribuída. O *Ano A*, celebrado em 2017, apresentou as leituras com caráter catecumenal, inseridas no processo de Iniciação à Vida Cristã, desde os primeiros séculos do cristianismo. Em 2018, a liturgia viveu o *Ano B* em suas celebrações e o tema destacado na preparação à Páscoa foi a *Aliança*, sobretudo nas leituras da Palavra de Deus. Em 2019, celebramos o *Ano C* e a liturgia tem como tema quaresmal a *Conversão* e a *Fé*. Vejamos como esta reflexão é realizada nos diversos domingos da quaresma deste ano:

- ***Primeiro Domingo da Quaresma:*** A liturgia da Palavra convida à fé e à conversão, tendo como fundamento e ponto de partida o anúncio da intervenção divina na história da salvação. A leitura do Deuteronômio (Dt 26, 4-10) é como um grande credo histórico do AT: Israel aceita o Senhor e o louva por todas as intervenções salvíficas na sua história. A iniciativa é sempre divina e Israel aceita, vive e celebra esta realidade no culto e se alegra na partilha dos dons com os irmãos.
A segunda leitura (Rm 10, 8-13) convida para a profissão de fé em Jesus Cristo, no qual se completa a promessa e se encontra a salvação de todos os povos. No centro da profissão cristológica está a Nova Páscoa – a morte e a ressurreição do Senhor.
No Evangelho do primeiro domingo da quaresma (Lc 4, 1-13), Jesus é conduzido pelo Espírito ao deserto e ali é tentado pelo demônio. Pleno do Espírito Santo (Batismo) Jesus vence o tentador, tornando-se o *‘primeiro convertido’*, que coloca acima de tudo a fidelidade à Palavra do Pai, no qual tem toda confiança.
- ***Segundo Domingo da Quaresma:*** Neste domingo sobressai fortemente o tema da conversão e da fé, típico do *Ano C*. Na primeira leitura (Gn 15, 5-12.17-18) Deus faz aliança com

Abraão, prometendo-lhe numerosa descendência e o dom da terra promissora, mediante sua resposta de fé no poder e fidelidade de Deus. A leitura revela que a fé da pessoa humana é indispensável para que se cumpra a salvação de Deus.

A segunda leitura (Fl 3, 17-4,1) é mais ligada ao Evangelho deste domingo: o binômio cruz-ressurreição do Evangelho é aplicado aqui por São Paulo ao cristão, chamado a escutar a Palavra e a participar, de corpo transfigurado, da glória de Cristo. Para tal deve passar pela cruz. Segundo Paulo a fé cristã é fundada sobre a cruz.

No Evangelho (Lc 9, 28b-36) Jesus entra em oração, como em tantos momentos decisivos de sua vida. Na transfiguração, é importante a voz do Pai: “*Escutai-o!*”: Para nós tem o sentido de acolher a Palavra e tornar-se discípulo do Mestre e participar de sua sorte (mistério pascal).

Na próxima semana continuaremos a reflexão sobre as leituras da Palavra de Deus, neste rico tempo da quaresma, que nos aproxima de Deus, dos irmãos e das irmãs.

Abril 2019

QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - II

Caros diocesanos. A quaresma continua nossa preparação à Páscoa. Já refletimos sobre a Campanha da Fraternidade e sobre o tema da Conversão e da Fé, ricamente presente na Palavra de Deus nos domingos da quaresma do *Ano C*. Hoje abordaremos o 3º e 4º domingos que apresentam as parábolas da Figueira estéril e do Filho pródigo.

- **Terceiro Domingo da Quaresma:** Na primeira leitura (Ex 3, 1-8ª.13-15) aparece novamente o aspecto histórico da salvação: é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó que desce (sarça ardente) e chama Moisés para libertar seu povo da opressão do Egito e conduzi-lo a uma terra *‘onde corre leite e mel’*. É o Deus sempre presente (“*Sou Aquele que sou*”) e operante na história concreta de seu povo. Javé exige a fé de Moisés e do povo de Israel. Na segunda leitura (1Cor 10, 1-6.10-12) São Paulo adverte os cristãos, indicando os fatos bíblicos como exemplo: para a salvação não basta a ação de Deus; é indispensável a colaboração humana, sua participação pela fé e pelas obras. O apóstolo convida os coríntios a serem fiéis a Deus, evitando atitudes do povo no Antigo Testamento que desagradaram ao Senhor. O Evangelho (Lc 13, 1-9) do terceiro domingo da quaresma se compõe de duas partes, ambas indicando a necessidade de conversão. O fato relacionado a Pilatos e à Torre de Silóé serve para fazer o apelo de conversão: “*Se não vos converterdes, perecereis todos do mesmo modo*” (Lc 13, 5). A segunda parte do Evangelho apresenta a parábola da figueira estéril, que também indica o convite à conversão; ela será cortada se não der frutos. Jesus aparece como a mediação paciente e misericordiosa do Pai, em vista de nova oportunidade de conversão.
- **Quarto Domingo da Quaresma:** A primeira leitura (Js 5, 9ª.10-12) relata a entrada do Povo de Deus na Terra prometida e celebra a nova Páscoa. O texto insiste sobre a novidade da situação: nova terra, nova vida, nova Páscoa. Na segunda leitura (2Cor 5, 17-21) evidencia-se que a fonte da nova vida dos cristãos é a morte e ressurreição do Senhor, da qual participam. As coisas antigas passaram e foi inaugurada

vida nova. A iniciativa da reconciliação vem de Deus: por meio de Cristo. Ele nos reconciliou e nos confiou este ministério da reconciliação.

No Evangelho (Lc 15, 1-3.11-32), os publicanos e pecadores se aproximam de Jesus para escutá-lo. Os fariseus, como sempre, murmuram por causa disso. Na parábola do Filho pródigo, Jesus representa o pai; o filho menor, os pecadores; e o filho maior representa os fariseus. No quadro do pai e do filho menor vemos o distanciamento inicial e a miséria; depois, a decisão da volta e o reencontro, cheio de surpresas e de gestos significativos de reintegração filial e de alegria festiva. Ao contrário, no quadro do filho mais velho encontramos a atitude de fariseu: incapacidade de aceitar o gesto misericordioso do pai e negação da possibilidade de reconciliação com o irmão pecador, *‘que estava morto e tornou à vida’*.

Continuemos nosso caminho quaresmal, buscando conversão de vida e aprofundamento da fé cristã, pois a misericórdia do Senhor há de se revelar.

QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - III

Caros diocesanos. A quaresma vai adiantada e a Páscoa está próxima. Hoje continuaremos nossa reflexão sobre o tema da conversão e da fé, a partir da Palavra de Deus do quinto domingo do *Ano C*, cujo Evangelho dá destaque à conversão da Mulher adúltera, e seguiremos para a Semana Santa, ponto alto do Ano Litúrgico.

- ***Quinto Domingo da Quaresma:*** Na primeira leitura (Is 43, 16-21) o profeta Isaías, que viveu o exílio da Babilônia, reaviva a frágil esperança do seu povo com o anúncio da libertação. Será semelhante à do Êxodo, mas terá grande novidade, deixando transparecer um nítido caráter messiânico, que fará o povo louvar o Senhor por suas maravilhas.

Na segunda leitura (Fl 3, 8-14) São Paulo, conquistado por Cristo e deixando o resto como lixo, deseja conhecê-lo com todas as suas forças e tornar-se semelhante a Ele no sofrimento e na morte, com a esperança de chegar à ressurreição. O apóstolo, esquecendo do que fica para trás (conversão), avança qual atleta, vislumbrando um longo caminho a percorrer, mas possível, com fé e perseverança.

No Evangelho (Jo 8, 1-11), reconhecido como de estilo lucano, Jesus está novamente em contraste com os escribas e fariseus, que se orientam pela aplicação da lei: apedrear a mulher apanhada em adultério. Jesus adota outra solução: o perdão. Contudo, o texto acrescenta: “*Vai, e de agora em diante não peques mais*” (Jo 8, 11). As palavras de Jesus mostram que o perdão é gratuito, mas também exigente. Há misericórdia com o pecador, mas não indiferença em relação ao pecado. O pecador perdoado deve buscar o Senhor com todas as suas forças.

- ***Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor:*** O Evangelho do rito da Bênção dos Ramos narra a entrada de Jesus em Jerusalém, segundo os sinóticos (Mateus, Marcos, Lucas), nos respectivos *anos A, B e C*. As duas primeiras leituras da missa são iguais nos três anos. Os Evangelhos narram a Paixão e Morte de Jesus Cristo, segundo a versão sinótica nos *anos A, B, e C*, respectivamente. A primeira leitura (Is 50, 4-7) apresenta o Servo de Javé, com as seguintes características: o profeta escuta a Palavra de Deus

e dirige uma palavra aos abatidos; ele confia em Deus que não o deixará confuso; sabe que o sofrimento e a glorificação estão juntos.

A segunda leitura (Fl 2, 6-11) descreve os gestos humildes do Servo de Javé (Cristo) e a resposta de Deus: entrega voluntária como servo e humilhação na obediência até a morte de cruz; e a exaltação máxima do nome e a submissão de todo universo a Cristo.

O Evangelho do ano litúrgico em curso narra a Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, manifestação do amor infinito de Deus por nós. Sua morte não termina no sepulcro, mas conduz à manhã da ressurreição. Sua nova vida é a de todos os cristãos, seus seguidores.

Desejamos frutuosa Semana Santa para todos e que a Luz do Ressuscitado brilhe em todos nós, qual vela acesa no Círio Pascal.

PÁSCOA - MORTE E RESSURREIÇÃO

Caros diocesanos. O Senhor morto e ressuscitado esteja convosco! Feliz Páscoa!

A palavra *Páscoa* significa “*passagem*”, passagem da morte para a vida. Mas o que entendem mesmo os primeiros cristãos, quando falam em ressurreição de Jesus? Para eles não se trata de simples imaginação, mas de um fato real que os tirou da perplexidade e frustração. Esta ressurreição não consiste num retorno de Jesus à sua vida anterior na terra. Ele não retornou à sua vida biológica (reencarnação), para depois morrer novamente de forma irreversível. A ressurreição não é, portanto, a reanimação de um cadáver, como aconteceu com Lázaro, com a filha de Jairo e o jovem de Naim. Com a ressurreição, Jesus entra definitivamente na Vida de Deus, onde a morte não tem mais nenhum poder. Ele não morreu para o vazio do nada, mas para a comunhão plena com Deus. Por isso afirma São Paulo: “*Sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais. A morte não tem mais poder sobre ele*” (Rm 6, 9). Os evangelistas informam que Jesus é o mesmo, mas não é como antes. Apresenta-se agora cheio de vida nova; é alguém real e concreto, mas os discípulos não conseguem retê-lo e conviver com Ele, como anteriormente, pois está com uma existência nova, com um corpo glorioso que dá plenitude à sua vida. Os primeiros cristãos entendem a ressurreição de Jesus como uma atuação de Deus que, com sua força criadora, resgata Jesus da morte para introduzi-lo na plenitude de sua própria vida. As comunidades primitivas acreditam que o acontecido com Jesus, o “*Primogênito dos mortos*”, é a garantia da ressurreição da humanidade, ou seja, de todos os seres humanos e da criação inteira. Deus, ressuscitando Jesus, começa a nova criação, confirmando seu plano de salvação, presente desde a criação do homem e do mundo: partilhar sua vida divina, sua felicidade com o ser humano (Cf. PAGOLA J. A., *Jesus*, Ed. Vozes, 2011, p. 489-520).

E como será nossa morte e nossa ressurreição? Toda pessoa humana traz escrito no mais profundo do seu ser o destino para a morte, que gravita sobre a sua existência como uma necessidade inevitável e uma constante ameaça, sobretudo nestes tempos de insegurança em que vivemos. O Concílio Vaticano II afirma: “*Diante da morte,*

o enigma da condição humana atinge seu ponto alto... a semente da eternidade... insurge-se contra a morte” (GS 18). Dentro de nós existe uma ânsia de eternidade, uma esperança de plenitude. De fato, fomos criados à imagem e semelhança do Criador. Existe em nós a semente da eternidade, da imortalidade que o pecado veio ofuscar, trazendo consigo a morte. Era preciso, portanto, uma redenção para que a vida eterna fosse novamente possível, mesmo tendo que passar pela morte humana. Esta redenção já foi conquistada por Jesus Cristo, esperando agora nossa adesão pela fé.

Como será nossa morte e nossa ressurreição? Com a morte a pessoa humana se desliga das coordenadas do tempo. Nossa morte realmente é uma cisão entre o modo de ser temporal e o modo de ser eterno. Na morte o corpo não é mais sentido como uma barreira que nos separa dos outros e de Deus. Entraremos na plena realização das capacidades de nosso ser humano. É a afloração plena da pessoa humana, latente no princípio esperança. Seremos o que cada um de nós merece ser: os que fizeram o bem irão para uma ressurreição de vida em Deus e participarão na comunhão dos santos; os que praticaram o mal receberão o destino pelo qual optaram em vida: a condenação.

A celebração pascal fortifique nossa fé e nossa esperança na vida plena em Deus.

DOMINGO – DIA DA RESSURREIÇÃO E DA EUCARISTIA

Caros diocesanos. Continuamos a celebrar a Páscoa, festa máxima da vida cristã. Não paramos de cantar o *Aleluia* pascal para louvar o Senhor pela salvação que nos concedeu em seu amor. Celebramos a ressurreição, especialmente, em todos os domingos do ano litúrgico. Cada domingo é o *Dia do Senhor*. É sobretudo a eucaristia que torna o Senhor presente (ressuscitado) entre nós. No ano da eucaristia em nossa diocese, desejamos aprofundar esse tema, pois não é *domingo* porque ele está no calendário, mas porque a eucaristia, por excelência, torna o Senhor ressuscitado presente entre nós.

Os evangelistas informam que a ressurreição se deu no “*primeiro dia da semana*”. As aparições também aconteceram no domingo, sendo igualmente o dia escolhido para a vinda do Espírito Santo. Assim ele se tornará o dia, por excelência, para a celebração do Mistério pascal, especialmente pela eucaristia, e o núcleo central, o fundamento de todo ano litúrgico (SC 106). Como vemos, o domingo está estreitamente ligado à eucaristia. É ela que, neste dia, torna presente o Senhor ressuscitado. Um se ordena ao outro.

A expressão “*Dominicus dies = Dia do Senhor*” aparece pela primeira vez no Apocalipse (Ap 1,10), pelo ano 97 d. C., e logo será chamado por “*Dominicus*” (*Domingo*) nas línguas latinas. O Domingo é, portanto, uma criação originariamente cristã e não uma simples troca do sábado judaico pelo domingo. A celebração tinha inicialmente lugar à hora vespertina e estendia-se noite adentro, mas já no primeiro século passa a ser celebrada na aurora do domingo, uma vez que as reuniões noturnas eram consideradas ilícitas pelas autoridades do Império Romano.

Pelo ano 150 d.C., São Justino nos deixa uma preciosa descrição de como era, nessa época, a celebração eucarística. Ele chama o domingo como o “*Dia do Sol*” (Sonntag, Sunday...), em que os fiéis da cidade e do interior se reúnem no mesmo lugar. Faz-se a leitura dos profetas e dos apóstolos... (AT e NT). Chama-se “*Dia do Sol*” porque lembra o dia no qual Deus criou a luz e Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, pois Ele é o “*sol da justiça*” (Ml 3, 20), a

“luz do mundo” (Jo 8, 12), a “luz para iluminar as nações” (Lc 2, 32), a “luz dos homens” (Jo 1, 4). Quem segue Jesus Cristo não anda nas trevas, mas tem a luz da vida (Cf. Jo 12,46).

Somente em 321 d.C., por ordem do Imperador cristão Constantino, o domingo é declarado também como dia de repouso, a fim de que todos pudessem participar da celebração eucarística. Integra-se o descanso e o ato celebrativo do domingo, estando o primeiro a serviço do segundo: *”Este é o dia que o Senhor fez para nós! Alegremo-nos e nele exultemos”* (SI 117, 24)! O preceito dominical é consequência de uma correta compreensão do domingo e da eucaristia.

Para os cristãos que não podem participar de celebração eucarística nos domingos existe a opção pela Celebração da Palavra de Deus, com a possibilidade de Comunhão, distribuída pelos ministros: *“Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da ‘celebração dominical da Palavra’, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (cf. 1Jo 3, 14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5, 24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18, 20)”* (DAp 253). Porém, a presença do Senhor ressuscitado se manifesta, por excelência, mas não única, na celebração da Eucaristia, pois é a celebração mais plena para o *Dia do Senhor*. O Domingo é também o dia da comunidade, pois nele festejamos nossa identidade eclesial e de caridade fraterna (1Cor 16,2; 2Cor 8,13-14).

Maio 2019

DIA DO TRABALHO

Caros diocesanos. Em 1º de maio celebramos o Dia do Trabalho, ou seja, do Trabalhador. Os estudos de antropologia nos evidenciam que a pessoa humana é um ser em realização, um ser em devir, que se projeta sempre para frente. Está constantemente por fazer-se, pois nunca se considera pronto. Esta mesma realidade ele percebe na sua relação com o mundo que o cerca: este está por ser transformado e adaptado para o bem da pessoa humana (cf. Gn 1, 26 e 28). E então começamos a falar sobre o trabalho, com o qual a mulher e o homem cultivam e guardam a terra, cuidando-a e transformando-a em nossa casa comum (Papa Francisco), pela atividade consciente, através da ciência e a técnica, fazendo produzir os campos, transformando a matéria de forma artesanal ou em escala industrial e prestando inúmeros serviços uns aos outros. O trabalho, portanto, constitui uma dimensão fundamental da existência humana sobre a terra (cf. *Laborem Exercens* - LE 4). A realidade da vida nos mostra que é impossível separar a pessoa humana do trabalho, pois ele faz parte de sua identidade (cf. CF 1991 – Texto-base, n. 14); pelo trabalho deve acontecer e realizar-se o próprio ser pessoa humana. Nessa relação pessoa humana e trabalho emerge também o sentido da participação na obra do Criador e da solidariedade (serviço) em relação aos outros seres humanos, primeiramente, em relação à família e depois se estende à comunidade mais ampla (cf. LE 6 - 10). Portanto, o trabalho realiza a dignidade da pessoa humana; além de transformar a si mesma, por ele a pessoa humana cria as condições imediatas da sua existência e estabelece as relações que constituem a sociedade. Neste contexto, São Francisco de Assis escreve na sua Regra Bulada: “*Aqueles irmãos aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar trabalhem fiel e devotamente*” (Rb 5). Em nosso tempo, poder trabalhar é também uma graça; o não ter emprego (trabalho) é uma verdadeira desgraça, assim como a preguiça, definida como a irresponsabilidade de não servir e explorar os outros.

Vimos anteriormente que o trabalho tem um caráter positivo e de realização da pessoa humana, mesmo que cause fadiga e sofrimento (cf. Gn 3, 17-19). Contudo, o egoísmo humano, muitas

vezes, inverte os valores, fazendo surgir conflitos entre o mundo do capital (capitalismo) e o mundo do trabalho. Quando o trabalho é considerado mera mercadoria ou somente é visto como instrumento de produção e de lucro surgem confrontos, com todas as suas consequências. Neste contexto, o trabalhador é visto, não pelo que é, como sujeito e autor com sua dignidade, mas pelo que produz, como instrumento de lucro (cf. LE 7 e CF 1991, n. 27). A Doutrina Social da Igreja reivindica a prioridade do trabalho em confronto com o capital, destacando justa estrutura social de organização do trabalho e da distribuição de bens. O Papa Francisco também toma posição neste contexto, afirmando: *“O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha; requer decisões, programas mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo... a economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho e criando assim novos excluídos”* (EG 204). Que o Senhor Jesus, filho do carpinteiro de Nazaré, abençoe os trabalhadores/as em seu dia.

DIA DAS MÃES - MÃE IDEAL

Caros diocesanos. Queridas mães. Com alegria especial celebramos novamente o dia das mães em nossas famílias e comunidades. Mais uma vez desejamos saudar com carinho especial aquela que nos gerou para a vida e recordar fatos, gestos, testemunhos de amor em que emerge o verdadeiro sentido de ser mãe. A celebração desse dia evoca em nós, normalmente, sentimentos filiais da maior grandeza, sobretudo, de reconhecimento e gratidão. Cada um de nós haverá de encontrar o melhor modo de homenageá-la, mesmo que seja na simplicidade de um abraço, de uma flor, de uma prece para quem já partiu para a vida eterna.

Hoje desejamos apresentar um precioso texto, escrito Dom Ângelo Domingos Salvador – Bispo Emérito de Uruguaiana e Ordenante principal do bispo que vos escreve - para homenagear as mães, especialmente a dele, com o título MÃE IDEAL: *“Ao homenagear minha mãe, já falecida, tenho presentes todas as mães da família Salvador, vivas ou falecidas. O que digo de minha mãe, quero dizê-lo a todas e de todas as mães.*

Minha mãe era quase analfabeta. Mas ela me ensinou tudo o que sabia. Fui alfabetizado por ela, nos momentos de descanso, na roça, após o almoço, e à noite, em casa. De seu ventre recebi a vida; nos seus braços, aprendi a amar; de joelho ensinou-me a rezar; por sua fé, encaminhou-me para a vocação sacerdotal. Para mim, ela foi mãe natural, mãe cristã e mãe sacerdotal: ela gerou-me para a vida, para a fé e para o sacerdócio. Que mais poderia desejar dela? Ela foi para mim uma mãe ideal.

Mãe natural. Poder gerar a vida! Haverá poder maior? Gerar a vida por amor! Haverá dom maior? Por isso, gerar vidas é maior e melhor que tudo o mais. Sim, tudo tem valor: Diplomação acadêmica tem valor; profissão tem valor; fazer carreira política tem valor. Mas nada, absolutamente nada nesta terra, tem mais valor que o poder de gerar vidas humanas, por amor. Tudo realiza; tudo plenifica; tudo satisfaz. Mas nada realiza melhor; nada plenifica mais; nada causa maior satisfação que gerar vidas humanas, por amor. Pois bem, minha mãe gerou minha vida, por amor!

Mãe cristã. Vida de filhos de gente é mais. Vida de filhos de Deus é muito mais. Gerar vidas, por amor, é gerar fé na vida. Deus é amor: quem gera por amor, gerando amor na vida, gera a vida de Deus. Todas as noites, depois de saciar com amor os nossos corpos famintos, rezávamos juntos, pais e filhos. Para a simplicidade de colonos italianos, orar era rezar o terço. Tal era a fé de minha mãe que, no leito de morte, realizava um ou outro de dois gestos: fazia que costurava roupas com sua velha agulha ou fazia que rezava o terço, percorrendo as contas, movendo os lábios. Foi assim, com amor, que ela gerou a fé cristã em meu coração.

Mãe sacerdotal. Minha mãe foi minha catequista. A cozinha era a sala de aula. Com ela aprendi a gostar do pão de trigo que ela cozinhava e do Pão Eucarístico para que ela me preparava. Todos os domingos invariavelmente, fazíamos uma peregrinação, a cavalo, até a Igreja matriz para a Missa Dominical, onde encontrávamos o sacerdote. Finalmente, com meu pai fui à Ordenação de um Presbítero. De repente, nasceu em mim a convicção: Eu também posso vir a ser Padre! Assim, passei da cozinha de minha mãe para o altar de Deus. Mãe ideal, minha mãe!'. Feliz de quem pode referir-se desta forma à sua mãe. Cada um de nós encontre sua maneira filial de valorizar e agradecer à Mãe.

EUCARISTIA – CEIA DE COMUNHÃO

Caros diocesanos. Já refletimos, em mensagem anterior, que é sobretudo a eucaristia que torna o Senhor morto e ressuscitado (Páscoa) presente entre nós. No ano da eucaristia em nossa diocese, desejamos aprofundar esse tema, pois a eucaristia assume a centralidade na vida litúrgica da Igreja. João Paulo II, na Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (EdeE), afirma, já no título, que a Igreja vive da eucaristia, tornando-se o próprio núcleo de seu mistério, forma de presença com intensidade sem par (EdeE 1). Ela é a fonte e o centro de toda vida cristã (LG 1); nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja (PO 5). Através dela o próprio Cristo eterniza sua Páscoa no hoje da história de todos os tempos.

A Espiritualidade eucarística revela diversos aspectos ou dimensões em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente (memória) o Sacrifício da Cruz e a Ressurreição de Cristo (Páscoa), realizando a maior Ação de Graças possível para a salvação da humanidade, em todos os tempos, tornando-se fonte e ápice de toda evangelização. Portanto, viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico, longe de qualquer devocionismo ou intimismo, significa comungar sua vida, dada em sacrifício, tornando-nos, com Ele e os irmãos, oblação e ação de graças ao Pai em nossa missão evangelizadora.

Abordemos hoje a dimensão eucarística de Ceia de Comunhão: A Eucaristia nasceu numa ceia, na *Última Ceia*. Jesus disse aos apóstolos: “*Tomai e comei*”: Para o judeu o sentar à mesa e repartir o pão é privilégio dos familiares, dos amigos, dos próximos. Neste contexto nasce a primeira expressão: “*Fractio panis*” (Fração do pão). Consiste no ato de partir o pão em comum união (Comunhão). Todos comungam e participam do mesmo “*Pão vivo descido do céu*” (Jo 6, 51 e 1Cor 10, 17), formando um só corpo: ‘*epifania de comunhão*’ (MND 21). Esse convívio, essa partilha de comunhão e de vida renova constantemente a relação dos irmãos e das irmãs, já criada no batismo. É a teologia paulina do Corpo místico em ação (Cl 1, 18). Atua-se a autêntica relação pessoal (não intimista) com Jesus Cristo e com os irmãos (Igreja – Comunidade), fazendo acontecer

uma espiritualidade de comunhão (NMI 43). É aqui que começamos a falar sobre temas como compromisso de solidariedade e de justiça, de fraternidade ou de vida fraterna em comum, de corresponsabilidade e de colegialidade, de perdão mútuo e de dignidade, como nos lembra a catequese do fim do primeiro século: *“Reuni-vos no dia do Senhor para a fração do pão... Mas todo aquele que vive em discórdia com o outro, não se junte a vós antes de se ter reconciliado, a fim de que vosso sacrifício não seja profanado”* (Didaqué 14, 1-2; veja-se também 1Cor 11, 17-29). Neste contexto podemos ainda lembrar a palavra da CNBB: *“Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contratestemunho e celebra indignamente a própria liturgia”* (DGAE 2008-2010, n. 178). Também João Paulo II dizia: *“Se faltar a caridade, tudo será inútil... Nesta página, não menos do que o faz com a vertente da ortodoxia, a Igreja mede a sua fidelidade de Esposa de Cristo”* (NMI 42 e 49). E conclui o Documento de Aparecida: *“É uma dimensão constitutiva de nossa fé...”* (DAp 257). Uma verdadeira assembleia eucarística é comprometida na comunhão com Cristo e com os irmãos e as irmãs. Portanto, *“Não basta ter fé é preciso ser credível”* (Card. Ravasi).

EUCARISTIA – SACRIFÍCIO PASCAL

Caros diocesanos. Já refletimos, em mensagens anteriores, que é sobretudo a eucaristia que torna o Senhor ressuscitado presente entre nós. No ano da eucaristia em nossa diocese (2019), estamos aprofundando esse tema, pois a eucaristia é a celebração central da vida litúrgica da Igreja. A Igreja vive da eucaristia, tornando-se o próprio núcleo de seu mistério. Ela é a fonte e o centro de toda vida cristã e nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja. Através dela o próprio Cristo eterniza sua Páscoa na história de todos os tempos.

A espiritualidade eucarística revela diversos aspectos ou dimensões em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente o Sacrifício da Cruz e a gloriosa Ressurreição de Jesus Cristo (Páscoa), fazendo acontecer a oferta da ação salvadora do Filho Unigênito, como a maior Ação de Graças possível ao Pai para a atuação da salvação da humanidade, tornando-se também fonte e ápice de toda evangelização da Igreja. Viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico significa comungar sua vida, dada em sacrifício, tornando-nos, com Ele e os irmãos, oblação e ação de graças ao Pai em nossa missão evangelizadora.

Abordemos hoje a dimensão eucarística de sacrifício pascal, sem excluir os demais aspectos: Na Última ceia Jesus antecipa, torna presente, de forma simbólico-sacramental, pelo rito do Lavapés, o que vai acontecer com Ele, em realidade, na cruz redentora, no dia seguinte, mas que o conduzirá à vitória sobre a morte pela ressurreição (Páscoa = passagem).

Na ação litúrgica (eucarística) atua-se o serviço sacerdotal de Jesus Cristo (SC 7). Ele é o sacerdote verdadeiro que, oferecendo-se a si mesmo, uma vez por todas, adquiriu uma salvação eterna (Hbr 9, 11-15). Assim Ele selou a nova e eterna Aliança em seu sangue (Hbr 8). *“Pela oblação do seu Corpo nos deu na Cruz a plenitude dos sacrifícios antigos e, entregando-se a vós pela nossa salvação, revelou-se ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro”* (Prefácio da Páscoa V).

As palavras de Jesus, proferidas na Última ceia, celebradas

até hoje, tornam presente (fazem memória) este mistério do “*sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados. Fazei isso em memória de mim*” (cf. Mc 14, 24 e cf. 1Cor 11, 24-25). É a ação sacrificial da nova Páscoa, presente em cada celebração do “*Santo sacrifício da missa*”. Isso nos faz entender melhor porque no altar, ou na sua proximidade, sempre existe a presença de um crucifixo.

Essa dimensão da espiritualidade eucarística, certamente, dará novo sentido às limitações físicas, às contradições psicológicas, às escuridões da vida, nossas e dos outros... A espiritualidade eucarística deve perpassar todo nosso viver: o trabalho, as relações, a vocação, as diversas dores, a evangelização (AdaE 24). Também nisso somos parceiros/as do Senhor, que anuncia o Reino, cura os doentes e, cheio de compaixão, vai ao encontro das multidões porque estão cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor (Mt 9, 35-38). Será Ele o motivo maior da nossa opção preferida pelos mais sofridos, em todas as suas formas.

EUCARISTIA – AÇÃO DE GRAÇAS

Caros diocesanos. Continuamos hoje nossa reflexão sobre a eucaristia que torna o Senhor ressuscitado presente entre nós. No ano da eucaristia em nossa diocese (2019), dentro do processo da Iniciação à Vida Cristã, no espírito catecumenal, estamos aprofundando o tema eucarístico, pois a eucaristia é a celebração central da vida litúrgica da Igreja. Como afirmou o Papa João Paulo II, hoje santo, a Igreja vive da Eucaristia e se torna o núcleo de seu mistério. Ela é a fonte e o centro de toda vida cristã e nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja. Através dela o próprio Cristo eterniza seu mistério pascal em todos os tempos.

A espiritualidade eucarística revela diversos aspectos ou dimensões em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente o Sacrifício da Cruz e a gloriosa Ressurreição de Jesus Cristo (Páscoa), fazendo acontecer a oferta da ação salvadora do Filho Unigênito, como a maior Ação de Graças possível ao Pai. Assim continua a atuar-se pela eucaristia a salvação da humanidade, tornando-se ela também a fonte e ápice de toda evangelização da Igreja. Viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico significa comungar sua vida, dada em sacrifício redentor, tornando-nos com Ele e os irmãos uma verdadeira oblação e ação de graças ao Pai, em nossa missão evangelizadora.

Hoje abordaremos a dimensão eucarística de ação de graças, sem excluir os demais aspectos:

A *Berakáh* é uma forma de oração judaica, de louvor e de agradecimento, muito comum no Antigo Testamento: Normalmente inicia com a clássica forma: “*Bendito seja Deus que...*”. Ela é recitada, sobretudo, diante de fatos maravilhosos realizados por Deus; assim fazia parte da ceia pascal judaica, como primeiro gesto ritual, para agradecer a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito.

Com o sacrifício de Cristo, único e eterno, a *Berakáh* adquiriu um novo sentido e um novo conteúdo: ação de graças pela redenção pascal da nova e eterna Aliança. A Igreja, pela Eucaristia (Oração eucarística), celebra essa Ação de graças, do “*nascer ao pôr do sol*” (Oração Eucarística III) e pelos séculos afora. Assim atua-se

a grande e maior ação de graças possível ao Pai pela doação pascal de seu Filho, na unidade do Espírito Santo (Ação trinitária): “*Por Cristo, com Cristo, em Cristo a vós, Pai Todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra, toda a glória, agora e para sempre*”.

Essa dimensão da espiritualidade eucarística conduzirá a um coração grato e provocará atitudes de gratuidade e de solidariedade para com os que nos cercam: “*gloria Dei homo vivens = A glória de Deus é a vida da pessoa humana*” (Sto. Irineu – séc. II). Resultará em gestos concretos de adoração (presença real e permanente) e de respeito e nobre decoro em relação aos locais e objetos preciosos relacionados com a eucaristia; seja também de respeito pela dignidade pessoal e dos irmãos e irmãs que vivem ao nosso lado, sobretudo os necessitados, através dos quais o Senhor também se manifesta. A solenidade de *Corpus Christi* destaca de forma especial a dimensão do louvor e da ação de graças, sem dispensar as demais, também sempre presentes em todas as celebrações ou manifestações eucarísticas.

Junho 2019

EUCARISTIA – PÃO DA MISSÃO

Caros diocesanos. Seguimos hoje com nossa reflexão sobre a eucaristia que torna o Senhor ressuscitado presente entre nós. No ano da eucaristia em nossa diocese (2019), dentro do processo da Iniciação à Vida Cristã, no espírito catecumenal, estamos aprofundando o tema eucarístico, pois a eucaristia é a celebração central da vida litúrgica da Igreja. Como afirmou o Papa João Paulo II, hoje santo, a Igreja vive da Eucaristia, a qual se torna o núcleo de seu mistério. Ela é a fonte e o centro de toda vida cristã e nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja. Através dela o próprio Cristo eterniza seu mistério pascal em todos os tempos.

A espiritualidade eucarística revela diversos aspectos ou dimensões em sua unidade: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente o Sacrifício da Cruz e a gloriosa Ressurreição de Jesus Cristo (Páscoa), fazendo acontecer a oferta da ação salvadora do Filho Unigênito, como a maior Ação de Graças possível ao Pai. Assim continua a atuar-se pela eucaristia a salvação da humanidade, tornando-se ela também a fonte e ápice de toda evangelização da Igreja. Viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico significa comungar sua vida, dada em sacrifício redentor, tornando-nos com Ele e os irmãos uma verdadeira oblação e ação de graças ao Pai, em nossa missão evangelizadora.

Hoje abordaremos a dimensão eucarística da missão, sem excluir os outros aspectos. Antes de tudo é bom lembrar que a própria palavra *missa* vem de missão.

Jesus é o enviado, o missionário do Pai. Quem recebe a eucaristia entra em comunhão com Jesus e necessariamente participa de sua missão evangelizadora, revestindo-se dos mesmos sentimentos (Fl 2, 5). É da eucaristia que a Igreja recebe a força espiritual necessária para cumprir sua missão: Ela é fonte e ápice de toda evangelização (EdeE 22). O encontro com o Senhor na eucaristia suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e de evangelizar. A frase latina: “*Ite missa est*” (*Ide, a missa terminou; subentende-se: agora começa a missão de quem é enviado!*), torna-se uma ordem no final da celebração eucarística, que impele o cristão ao

empenho do anúncio do Evangelho e a animação cristã da sociedade (MND 24). A eucaristia é princípio e projeto da missão (AdaE 31). Fazendo referência ao profeta Elias (1Rs 19, 8), “*A Eucaristia pode chamar-se também o Pão da missão*” (AdaE 31).

Eucaristia e caridade (serviço) andam de braços dados e essa relação nos faz entender porque S. João inclui o lava-pés (Jo 13) onde os demais evangelistas narram a instituição da Eucaristia. São Paulo não pensa diferente (1Cor 11, 17-22.27-34), como já vimos anteriormente. A autenticidade de nossas celebrações eucarísticas será avaliada com este critério (MND 28). No documento Ano da Eucaristia, a Igreja afirma: “*A missão é levar Cristo, de forma credível, aos ambientes da vida, do trabalho, do cansaço, do sofrimento, fazendo com que o espírito do Evangelho se torne fermento na história e ‘projeto’ de relações humanas marcadas pela solidariedade e pela paz*” (AdaE 31).

Ainda outros aspectos da Eucaristia poderiam ser ressaltados, mas o essencial está contemplado quando vemos a Eucaristia como *Ceia de Comunhão*, em que se atua o *Sacrifício pascal* de Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo, que se torna a maior *Ação de graças* ao Pai que nos compromete e nos envia em *missão evangelizadora*.

**FORMAS DE PRESENÇA E DE
ENCONTRO COM JESUS CRISTO**

Caros diocesanos. Em diversas mensagens anteriores refletimos sobre a eucaristia que torna o Senhor morto e ressuscitado presente entre nós. Essa forma de presença real e permanente merece destaque especial, mesmo que não seja a única forma de o Senhor se manifestar em sua Igreja. A *Sacrosanctum Concilium*, primeiro documento do Concílio Vaticano II, afirma a presença de Cristo nas ações litúrgicas, destacando a eucaristia e demais sacramentos, mas não como forma exclusiva, pois está também na Palavra: “... *é ele mesmo que fala quando se leem as sagradas escrituras na Igreja*”; e acrescenta a presença na comunidade reunida na fé, em oração: “*está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: ‘onde dois ou três estão reunidos...’ (Mt 18, 20)*”. Presente se faz também *na pessoa do ministro* (SC 7).

Quando falamos em presença de Cristo na eucaristia, costumamos usar a expressão “*presença real*”. Como, então, serão as outras presenças, não seriam “*reais*”? O Papa Paulo VI na encíclica “*Mysterium Fidei*” (n. 39) diz que essa presença não é por exclusão, mas por excelência, ou seja, por uma razão própria, por mudança de substância. Há uma diferença quanto ao modo de ser real. Na eucaristia temos uma presença real permanente, o Corpo e o Sangue de Cristo permanece. Nas outras celebrações litúrgicas a presença de Cristo é transeunte, isto é, ligada ao momento celebrativo.

Diz a Instrução “*Partir de Cristo*” que existe uma multiplicidade de presenças que, de maneira sempre nova, precisam ser descobertas: “*Ele está realmente presente na sua Palavra e nos Sacramentos, de modo especialíssimo na Eucaristia. Vive na sua Igreja e se torna presente na comunidade dos que se reúnem em seu nome. Está diante de nós em cada pessoa, identificando-se de modo particular com os pequeninos, os pobres, os que sofrem e os que são mais necessitados. Vem ao nosso encontro em todo e qualquer acontecimento alegre ou triste, na prova e no gozo, na dor e na enfermidade. A santidade é o fruto do encontro com ele nas muitas presenças onde podemos descobrir o seu rosto de Filho de Deus, um*

rosto sofredor e, ao mesmo tempo, o rosto do Ressuscitado...” (PdeC 23). Continuando a refletir sobre essas formas de presença do Senhor entre nós, podemos citar um dos Prefácios do Advento: *“Agora e em todos os tempos, ele vem ao nosso encontro, presente em cada pessoa humana, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, enquanto esperamos a feliz realização de seu Reino”* (Advento 1A). Também o Documento de Aparecida nos ajuda a descobrir as formas privilegiadas de encontro com Jesus Cristo: na fé recebida e vivida na Igreja; na Sagrada Escritura, proclamada e celebrada na Igreja; na Sagrada Liturgia – a Eucaristia como lugar privilegiado do encontro do discípulo com o Senhor; no sacramento da Reconciliação, pela experiência do perdão misericordioso; na oração pessoal e comunitária que alimenta a amizade com Deus; na comunidade viva na fé e no amor fraterno, nos Pastores e naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum; de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos; na piedade popular, em Maria – discípula missionária, nos apóstolos e nos santos e santas. (cf. DAp 246-275). Eis uma abundância de oportunidades de encontro com Jesus Cristo, que nos colocam em comunhão com Ele e nos tornam discípulos missionários seus (cf. DAp 245).

CORPUS CHRISTI

Caros diocesanos. Vivemos em nossa diocese o ano de especial destaque à eucaristia, dentro do processo da Iniciação à Vida Cristã, no espírito catecumenal. A celebração de *Corpus Christi* (Corpo de Cristo) nos dá oportunidade de refletir especialmente uma das várias dimensões presentes na eucaristia: o louvor e ação de graças (eucaristia = ação de graças). A solenidade do Corpo de Cristo tem profunda ligação com a Quinta-Feira Santa, dia em que Jesus instituiu a eucaristia, o sacerdócio e ensinou o mandamento do amor, através do rito simbólico do lava-pés. No contexto celebrativo da semana santa fica difícil valorizar toda riqueza que o mistério do Pão da Vida merece. Assim sendo, a história da liturgia, sobretudo a partir do séc. XIII, fez surgir os primórdios do que celebramos em *Corpus Christi*, tendo como grande objetivo realizar uma manifestação pública de fé na presença real e permanente de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento e externar perene gratidão por estar entre nós, “*do nascer ao pôr do sol*” (Oração Eucarística III). Nosso louvor e ação de graças chega à sua expressão máxima na doxologia da missa, quando o presidente da celebração clama: “*Por Cristo, com Cristo, em Cristo a vós, Pai Todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra, toda a glória, agora e para sempre*”; e a assembleia toda responde afirmativamente com o solene “*Amém*”. Esta atitude de louvor e de gratidão se expressa também pela celebração da própria missa e pela procissão solene nas ruas das comunidades com a Hóstia consagrada. Os enfeites dos tapetes, com possíveis doações para os pobres, nos corredores de nossas igrejas e caminhos públicos fazem parte desta ação de graças.

Na solenidade de *Corpus Christi*, além de louvar e agradecer a Jesus eucarístico pela sua presença entre nós neste sacramento, desejamos, igualmente, apresentar-lhe o que de melhor e mais nobre possuímos, através de brilhante ostensório, dignos sacrários em nossos templos e ruas enfeitadas de belos símbolos religiosos. Contudo, não podemos esquecer o mais importante, ou seja, entrar em comunhão com Ele, acolhê-lo como divino hóspede em nossos corações, em nossa vida, e sermos sacrários vivos, portadores do Senhor em nosso convívio familiar e em nossos ambientes de trabalho e de convivência

na sociedade. Saibamos honrar sua presença na eucaristia, seja nos locais e objetos preciosos, seja em nós mesmos e nos irmãos e irmãs que vivem ao nosso lado, sobretudo os necessitados.

Assim a espiritualidade eucarística revela diversos aspectos (dimensões) em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente o Sacrifício da cruz e a Ressurreição (Páscoa), efetuando a maior Ação de graças possível pela salvação da humanidade, tornando-se fonte e ápice de toda evangelização. Portanto, viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico, longe de qualquer devocionismo ou intimismo, significa comungar sua vida, dada em sacrifício, tornando-nos, com Ele e os irmãos, oblação e ação de graças ao Pai em nossa missão evangelizadora, pois ele se torna Pão da missão. A solenidade de *Corpus Christi* destaca de forma especial a dimensão do louvor e da ação de graças, sem dispensar as demais, também sempre presentes em todas as celebrações ou manifestações eucarísticas.

EUCARISTIA E MUNDO DO TRABALHO

Caros diocesanos. A partir da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II é destacada a importância da valorização da vida em nossas celebrações litúrgicas, pois estas não acontecem de forma abstrata, mas celebram os fatos salvíficos no hoje da nossa história. Assim, a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e a fonte donde emana toda a sua força, conservando na vida dos fiéis o que receberam pela fé (cf. SC 10). Por isso tanto se destaca a participação plena, consciente, frutuosa e ativa, a fim de que não seja recebida em vão (cf. SC 11 e 14). Isso vale sobretudo para a eucaristia, celebração do “*Pão da Vida*” (cf. Jo 6). Vejamos alguns aspectos da celebração eucarística que se relacionam com a vida, especialmente com o mundo do trabalho:

- *Na eucaristia como ação de graças*, a pessoa humana deseja oferecer simbolicamente a Deus tudo o que conquistou pelo trabalho. Ela se vê representante do próprio Deus no meio das criaturas, qual operário com Deus (cf. 1Cor 3, 9) e por isso sente-se agradecido e louva Aquele a quem tudo pertence; oferece-lhe os dons de sua obra transformadora e recriadora no universo. É o ofertório de sua vida como trabalhador. O pão e o vinho, frutos de seu trabalho, são transformados em oferenda litúrgica com todos os demais trabalhos e serviços, frustrações e lutas, realizações e esperanças. Unidos ao oferecimento do Corpo e Sangue de Cristo, eles participam do gesto redentor (cf. CF 1991, Texto-base, n. 162);
- *Na Eucaristia como sacrifício*, o trabalhador celebra seu sofrimento, sua luta, sua decepção, enfim seu mundo do trabalho, por vezes em situação angustiante, injusta e incerta; celebra a busca de uma realidade mais humana e fraterna, de mais vida para si e seus companheiros. É celebrar a passagem (Páscoa) da morte para mais vida (cf. Idem, n.143). Suportando o que há de penoso e conflituoso no trabalho, assumindo a cruz da transformação, em união com Cristo crucificado, o trabalhador colabora com o Filho de Deus na redenção da humanidade (cf. Idem, n. 157);
- *Na eucaristia como ceia de comunhão*, o trabalhador celebra a partilha de seu trabalho, mas sobretudo de sua própria vida

com os irmãos. Seu sentimento faz eco com as palavras de Jesus, quando diz: “*tomai e comei, isto é meu corpo*”. O trabalhador pode dizer: “*O pão que comeis, o vinho que tomais, as vestes que vos cobrem, as ruas, as praças, as ciências, os móveis, as plantas... são o meu corpo trabalhador repartido, que faz a vida em abundância para todos*” (Almeida Cunha R. I. *Teologia do Trabalho*, p. 166). A partilha da vida de Jesus, o trabalhador do Pai, se repete de forma semelhante na doação da vida dos trabalhadores que se entregam pelos irmãos (cf. Jo 12, 24-26);

- *Na eucaristia como celebração festiva e de dimensão escatológica*, o trabalhador reaviva a sua esperança para novos céus e nova terra, para os quais tendem os acontecimentos da história em todos os setores da vida, também no trabalho. Sem essa dimensão da esperança a vida perde seu valor e seu sentido; torna-se escravidão e fadiga sem razão (cf. CF 91, n. 164). É ela que sustenta e valoriza toda luta por uma vida mais humana, solidária e justa no mundo do trabalho.

A partir dessa reflexão poder-se-ia relacionar outros aspectos da missa com a vida do trabalhador. Mas isso fica para você, que celebra sua vida de trabalho na comunidade.

Julho 2019

EUCARISTIA COMO PLENITUDE DO MUNDO CRIADO

Caros diocesanos. Em cada celebração litúrgica nossa vida humana recebe importância extraordinária, pois a liturgia não acontece de forma abstrata num mundo inatingível, mas celebra os fatos salvíficos no hoje da história de nossa vida. A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e a fonte donde emana toda a sua força, conservando e fazendo crescer na vida dos fiéis o que receberam pela fé, desde seu batismo (cf. SC 10). Diante de valor tão maravilhoso é igualmente necessária a correspondente participação, que deve ser plena, consciente, frutuosa e ativa, a fim de que a graça salvadora não seja recebida em vão (cf. SC 11 e 14). Isso vale com evidência para a celebração eucarística, que edifica a Igreja e na qual acontece a plenitude do mundo criado, como veremos a seguir.

O Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si* (*Louvado Sejas* = LS) destaca com muita sabedoria a relação do mundo criado com o Criador e das criaturas entre si em vista da plena harmonia no universo. Acentua a importância de acolher o mundo como sacramento de comunhão: “*É nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta*” (LS 9). Diante do desequilíbrio ecológico no mundo em que vivemos, o Sumo Pontífice aponta como modelo São Francisco, pois o Santo de Assis viveu de forma simples e harmoniosa com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Seu espírito de fraternidade universal continua modelo de uma ecologia integral (cf. LS 10). Sua maneira de ser diante das criaturas ia além da mera avaliação intelectual ou cálculo econômico, pois, considerando sua origem comum, apreciava cada uma como *irmã ou irmão*.

Na parte final do documento *Laudato Si* o Santo Padre faz referência à eucaristia como plenitude da criação. Os sacramentos constituem um modo privilegiado, no qual a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. E é na Eucaristia que a criação encontra sua maior elevação: o pão e o vinho se transformam em Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. Nela já está realizada a plenitude da criação; ela une o céu e a terra, o humano e o divino e abraça e penetra toda

criação (cf. LS 233-236). É essa realidade que nos faz rezar na missa, no momento da preparação e apresentação das oferendas: *“Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão (vinho) que recebemos de vossa bondade, fruto da terra (da videira) e do trabalho humano, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida (vinho da salvação)”*. Nesta dimensão espiritual da ecologia, o Papa enaltece o domingo como o Dia do Senhor, que se faz presente, sobretudo, na Eucaristia. É também o dia da cura das relações humanas com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo criado. O domingo é o dia da ressurreição, da nova criação, garantia da transfiguração final de toda realidade criada. Ele anuncia também o eterno descanso do homem em Deus (cf. LS 237). Neste contexto, entendemos melhor o que São Paulo escreve aos romanos: *“Toda criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus... na esperança que a própria criação seja libertada da escravidão da corrupção, em vista da liberdade da glória dos filhos de Deus”* (Rm 8, 19-21).

Elevada ao céu, Maria é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Ela nos ilumina para um olhar mais sábio e protetor à criação (cf. LS 241-242).

COMUNHÃO E CULTO DA EUCARISTIA FORA DA MISSA

Caros diocesanos. Em nossas mensagens precedentes já acentuamos que a Eucaristia é o centro de toda vida cristã e a ela se ordenam os demais sacramentos, assim como os ministérios e as tarefas apostólicas, pois ela contém todo bem espiritual da Igreja (PO 5). Hoje desejamos apresentar formas de culto eucarístico fora da celebração da Missa. No entanto, devemos afirmar imediatamente com a Igreja: “*A celebração da Eucaristia no sacrifício da Missa é a origem e o fim do culto que lhe é prestado fora da Missa*” (*Eucharisticum Mysterium* = EM, n. 3). Isso significa que a celebração eucarística é a celebração central e principal para a qual tudo deve convergir. Mesmo considerando esta centralidade celebrativa, a presença do Senhor, na visão católica, também acontece como ‘*Deus conosco*’ nas espécies eucarísticas que se conservam nas igrejas e oratórios, depois de nossas celebrações (cf. *Ibidem*).

É preciso deixar claro aos fiéis que a primeira finalidade de conservar a Eucaristia fora da Missa, desde os primórdios da Igreja, é a administração do Viático (comunhão dos gravemente enfermos); os fins secundários são a distribuição da comunhão fora da Missa, especialmente para os que não têm possibilidade de participação da Missa (enfermos e idosos) e a adoração de nosso Senhor Jesus Cristo, presente no Santíssimo Sacramento (cf. EM, n. 49). A conservação das sagradas espécies para os enfermos introduziu na Igreja o louvável costume de adorar este alimento celeste. Por isso, dentro do possível, ao menos por alguns momentos, deixamos abertos nossos templos. Mereça também atenção especial a dignidade do local do sacrário para que favoreça a adoração. O sacrário seja inamovível, de material sólido e não transparente, evitando possíveis profanações; seja acompanhado de lâmpada especial que indique a presença eucarística (cf. *A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico Fora da Missa - IG*, 9-11). A ninguém é lícito conservar a Eucaristia na própria casa ou levá-la consigo em viagens, a não ser em casos muito especiais e com licença do Bispo diocesano (cf. Cân 935).

Na celebração da Missa manifestam-se as principais modalidades de presença de Cristo na Igreja (cf. SC 7): Em primeiro

lugar está presente na assembleia dos fiéis, reunida em seu nome: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles*” (Mt 18, 20). Também se faz presente na sua Palavra, quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja: “*Os momentos de celebração da Palavra são ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor*” (VD 65). Mas sua presença se manifesta de modo eminente sob as espécies eucarísticas. Esta presença chama-se ‘*real*’ não por exclusão, como se as outras não o fossem, mas por excelência (cf EM, n. 9). Por isso, sempre é importante considerarmos que a Eucaristia não é a única forma de presença do Senhor entre nós, mesmo que seja a modalidade por excelência. Ao ouvirmos as Escrituras, é o Deus da Palavra que se dirige a nós, convidando ao diálogo da oração, do canto ou mesmo do silêncio. Diante da saudação do Presidente da celebração, quando diz: “*O Senhor esteja convosco*”, nós clamamos: “*Ele está no meio de nós!*”. Esta resposta é uma verdadeira profissão de fé na presença do Senhor entre nós, quando nos reunimos no seu amor.

Na próxima mensagem continuaremos a abordar o tema da Sagrada Comunhão e do Culto do Mistério Eucarístico Fora da Missa, destacando principalmente a Comunhão fora da Missa e a Exposição do Santíssimo. Que a ceia eucarística seja o principal alimento de nossa vida cristã!

**COMUNHÃO FORA DA MISSA E
EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO**

Caros diocesanos. Na mensagem de hoje continuaremos a refletir sobre a Comunhão fora da Missa e a Exposição do Santíssimo Sacramento. Logo deve ficar claro para nós que a celebração, por excelência, é a santa Missa, com participação e comunhão na mesma. Contudo, nem sempre isso é possível para todos. Por isso se fala em Viático (gravemente enfermos) e comunhão para enfermos ou idosos ou mesmo para outras pessoas que não têm possibilidade de participar da Missa. No Brasil, temos, por exemplo, ao redor de 70^o das Comunidades que não possuem a possibilidade de celebração eucarística semanal. Nestas celebra-se a Palavra, com ou sem distribuição da Eucaristia.

Por isso os pastores não se neguem de dar a comunhão fora da missa aos fiéis que, por justa causa, o pedirem, sobretudo se forem doentes ou idosos. Esta tarefa cabe em primeiro lugar ao sacerdote e ao diácono, por serem ordenados para tal ministério. Eles são, portanto, os primeiros ministros da eucaristia. No caso de sua impossibilidade, entram em ação os Ministros Extraordinários (1972): *“Compete aos **acólitos, oficialmente instituídos, distribuir, como ministros extraordinários, a Sagrada Comunhão todas as vezes que não houver presbítero ou diácono ou estiverem impedidos por doença, idade avançada ou exigências do ministério pastoral, ou ainda quando o número de fiéis que se aproximam da sagrada mesa for tão elevado, que possa ocasionar demora excessiva da Missa ou de outra ação litúrgica**”*. Em seguida, também foi dada esta licença para outros ministros extraordinários (1973): *“O Ordinário do lugar pode dar a outros ministros extraordinários a faculdade de distribuir a Sagrada Comunhão sempre que parecer necessário para o bem espiritual dos fiéis e não estejam presentes o sacerdote, o diácono ou o acólito”* (*A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico Fora da Missa, Introdução Geral*, n. 17).

Cuidem os referidos ministros de distribuir a Eucaristia com dignidade e reverência, usando veste adequada e cuidando dos ambientes: Hóstias em cibório, teca ou recipiente fechado; altar ou mesa com toalha e corporal; velas acesas junto ao Santíssimo;

purificação respeitosa; tempo de ação de graças... (cf. Idem, 19-22).

Sendo a Celebração da Eucaristia a fonte e o ápice de toda vida cristã, recomenda-se também a devoção particular e o culto público, mesmo fora da Missa. Estes encontros celebrativos se orientem pelo tempo litúrgico e se harmonizem com a liturgia; decorram do Sacrifício eucarístico e tendam à Comunhão (cf. Idem, 79-80). Recomenda ainda a Igreja: *“Deve-se cuidar que nas exposições transpareça claramente a relação do culto do Santíssimo Sacramento com a Missa. Evite-se na exposição todo aparato que de qualquer modo possa contrariar o desejo de Cristo ao instituir a Santíssima Eucaristia sobretudo para nos servir de alimento, remédio e conforto”* (Idem, 82). Por isso, antes da Bênção do Santíssimo Sacramento, exposto no cibório (mais simples) ou ostensório (mais solene), com altar devidamente ornado para tal, se dedique tempo conveniente à leitura da Palavra de Deus com homilia, a cantos adequados e à oração silenciosa; pode-se também rezar a Liturgia das Horas. É vetada a exposição apenas para dar a bênção (cf. Idem, 89 e 95) e não deve ser celebrada missa durante a exposição (cf. Idem, 83). O Ministro ordinário da exposição é o sacerdote e o diácono, somente eles podem dar a Bênção antes da reposição. Na ausência dos Ministros ordenados, podem expor e repor o Santíssimo, com cibório ou ostensório, os acólitos ou os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística (cf. Idem, 91). Seja a Eucaristia alimento primordial de nossa vida!

ESTIMA PELOS IDOSOS

Caros diocesanos. Ao celebrarmos o Dia dos Avós, pela passagem da festa de São Joaquim e Santa Ana, avós de Jesus, queremos saudar as pessoas idosas e manifestar particular estima por elas. O presente momento da história caracteriza-se por valorizar muito a estética do corpo humano e tem-se a ousadia de definir as características de uma pessoa “*modelo*”, causando talvez complexos ou constrangimentos prejudiciais para não poucos homens e mulheres, que são considerados “*fora do padrão*”. Dentro desta forma de valorizar as pessoas se privilegia os/as jovens, e facilmente os idosos ficam no esquecimento, pois sua beleza física teria passado e também porque não estão mais na fase de produzir, de render em alta escala. Estas são realidades típicas de uma época que valoriza a pessoa humana pelas aparências, pela sua eficiência de produção ou ainda pelo seu *status social*. Os valores da vida e da dignidade humana, como ponto de referência e critério nos centros de decisão e análise, parecem não mais ter prioridade.

A vida humana merece dignidade e respeito plenos em todas as etapas, desde sua concepção até seu término natural. Na visão cristã, a vida humana foi, sobretudo, dignificada pelo próprio Deus, ao se tornar como um de nós na pessoa de Jesus Cristo. Ele assumiu nossa condição humana para que a mesma tivesse acesso e comunhão com o divino. Diz Santo Irineu (séc. II): “*A glória de Deus é a pessoa humana vivente*”, ou seja, glorificamos a Deus quando dignificamos a vida das pessoas.

O respeito e a gratidão aos anciãos devem ser testemunhados, em primeiro lugar, na própria família e a sociedade não pode considerá-los como peso ou carga. Daí a importância de políticas sociais justas e solidárias que se ocupem dos idosos, muitas vezes enfermos ou até abandonados. Por isso são motivo de louvor e alegria todas as iniciativas de acolhida e valorização da pessoa idosa.

Junto com as pessoas idosas, rezamos a *Prece do Idoso* (Pe Eduardo Dougherty):

“Bem-aventurados aqueles que compreendem meus passos vacilantes e minhas mãos trêmulas.

Bem-aventurados os que levam em conta que meus ouvidos captam

as palavras com dificuldade, por isso procuram falar mais alto e pausadamente.

Bem-aventurados os que percebem que meus olhos já estão nublados e minhas reações são lentas.

Bem-aventurados os que desviam o olhar, simulando não terem visto o café por vezes derramado sobre a mesa.

Bem-aventurados os que nunca dizem 'você já contou isso tantas vezes'. Bem-aventurados os que sabem dirigir a conversa e as recordações às coisas dos tempos passados.

Bem-aventurados os que me ajudam a atravessar a rua e não lamentam o tempo que me dedicaram.

Bem-aventurados os que compreendem quanto me custa encontrar forças para carregar minha cruz.

Bem-aventurados os que amenizam os meus últimos anos sobre a terra.

Bem-aventurados todos aqueles que me dedicam afeto e carinho, fazendo-me, assim, pensar em Deus. Quando entrar na Eternidade, lembrar-me-ei deles, junto ao Senhor. Amém!"

FUNDAMENTOS PARA COMUNIDADES PRESBITERAIS

Caros diocesanos. Iniciaremos hoje uma reflexão sobre Comunidades Presbiterais, já presentes em nossa diocese, por opção ou mesmo por necessidade. Na primeira mensagem sobre o tema buscaremos alguns fundamentos evangélicos e eclesiais. Antes de tudo, vejamos o que diz a Igreja sobre a diocese e a paróquia: *A Diocese é uma porção do Povo de Deus*, confiada ao pastoreio de um Bispo, com a cooperação do presbitério. Sua unidade é construída, sobretudo, em torno de dois elementos: *Palavra e Eucaristia*, tendo o *Espírito Santo* como alma desta unidade (cf. CD 11 e CIC, cân. 369). *A Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis*, constituída estavelmente na diocese, cujo cuidado pastoral é confiado a um *Pároco*, como seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo (cf. CIC, cân. 515). Na definição de ambas já percebemos intrinsecamente a importância da unidade no atendimento do Povo de Deus. Mas vejamos alguns elementos bíblicos e eclesiais que justificam essa unidade no atendimento pastoral do Povo de Deus:

1. **Jesus Cristo (Evangelho):** Jesus chama 12 Apóstolos para conviver com Ele: *“Vinde e vede”* (Jo 1, 38) e os envia comunitariamente em missão: *“Ele chamou os Doze, começou a enviá-los dois a dois...”* (Mc 6, 7); Jesus também chama outros discípulos/discípulas e os envia em missão de forma comunitária: *“O Senhor chamou outros setenta e dois e enviou-os, dois a dois...”* (Lc 10, 1).
2. **A Igreja do Concílio Vaticano II:** No Concílio surge fortemente a expressão *“Colégio episcopal”* ou *“Colegialidade episcopal”* (cf. LG 23), entendida como responsabilidade conjunta que Cristo confiou aos Apóstolos. Sua missão comporta a comunhão e a igualdade entre eles, e ao mesmo tempo a missão própria de um deles, a serviço da unidade e da fidelidade de todos os outros: o primado de Pedro. Esse *espírito da colegialidade* se estende para as diversas formas de cooperação comum dos bispos, sucessores dos Apóstolos, em vista do bem comum da Igreja: *Concílios, Sínodos, Conferências Episcopais, Províncias Eclesiásticas* e, por consequência, atinge a organização interna de cada *Diocese*, de cada *Paróquia* e *Comunidade (Comunidade*

de Comunidades), com seus diversos organismos de comunhão (cf. CIC, cân. 336ss, cân. 447ss, cân. 431ss, cân. 502, cân. 511ss, etc.). Também o Papa Francisco, ao abordar o tema da colegialidade afirma que “*uma centralização excessiva complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária*” (EG 32).

3. **Igreja Latino-americana e CNBB:** A Conferência de Medellín (1968) afirma: “*Os ministérios, que trazem anexa a função pastoral – episcopado e presbiterado, devem exercer-se sempre em espírito colegiado e, assim, bispos e presbíteros, ao ter que atuar sempre como membros de um corpo (colégio episcopal ou presbitério), estão chamados a constituir na comunidade uma realização exemplar de comunhão*” (Medellin 15, 7). A Conferência de Aparecida (2007) acentua: “*Para crescer nessa fraternidade e na corresponsabilidade pastoral, os bispos devem cultivar a espiritualidade da comunhão, a fim de acrescentar os vínculos de colegialidade que os unem aos demais bispos de sua própria Conferência, e também a todo Colégio Episcopal e à Igreja de Roma...*” (DAp 181). A CNBB, na conclusão das suas novas Diretrizes Gerais 2019-2023, afirma: “*Estas Diretrizes foram elaboradas com a participação dos diversos seguimentos da Igreja no Brasil, em uma dinâmica sinodal, aprovadas e colocadas a serviço das Igrejas particulares...*” (Doc. 109, n. 209). Eis alguns fundamentos para nossa reflexão! Continuaremos na mensagem seguinte.

Agosto 2019

COMUNIDADES PRESBITERAIS

Caros diocesanos. Estamos no mês vocacional. Lembrando de nossos padres, continuamos a refletir sobre as Comunidades Presbiterais, que sempre mais serão constituídas, seja por ideal ou mesmo por necessidade em nossas dioceses. O Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, em seu livro sobre a *Identidade e Espiritualidade do Padre Diocesano*, afirma que o presbitério (união de todos os padres) é um dos elementos fundamentais de seu ministério. Da correta compreensão de presbitério depende muito a vida do padre diocesano.

Já nos primórdios da história da Igreja, Santo Inácio de Antioquia acentua que o presbítero está ligado, unido aos outros presbíteros. No presbitério, os padres estão unidos entre si por particulares vínculos de caridade apostólica, de ministério e de fraternidade. O princípio desta unidade é a ordenação sacerdotal e a conseqüente ligação comum com o bispo. O presbítero, através de seu bispo, entra na sucessão apostólica (*Pastores Dabo Vobis 17*). “*A mesma sagrada ordenação e a mesma missão criam, entre os presbíteros, laços de íntima fraternidade, que deve traduzir-se espontânea e alegremente na ajuda mútua, espiritual e material, pastoral e pessoal, nas reuniões, na comunhão de vida, de trabalho e de caridade (LG 28)*”. A fisionomia do presbitério é a de uma verdadeira família, de uma fraternidade, criada a partir da graça sacramental da ordenação (PDV 74).

Faz igualmente parte da vida dos presbíteros a missão apostólica para o serviço, numa Igreja particular, junto ao Povo de Deus que lhes é confiado. Bispo e presbitério formam um todo na propagação da fé, na celebração dos sacramentos e no pastoreio do povo. Sob a ação do Espírito Santo, estão intimamente ligados pelo caráter sacramental e pelo serviço à comunidade eclesial (missão). Seu ministério é um serviço como fraternidade presbiteral ou como comunidade presbiteral. Dessa relação de amor e fraternidade todos buscarão forças para sua vida espiritual e dela brotará a necessária eficácia pastoral. A fecundidade de nossa ação evangelizadora dependerá da qualidade de nossa vida fraterna.

A partir desta reflexão e da necessidade que sempre mais

vai se criando em nossa diocese, mesmo talvez não tendo sido formados com este espírito, chegamos a formar mais Comunidades Presbiterais, ou seja, comunidades de padres, residindo juntos e atendendo várias Paróquias e municípios, de forma mais colegial, possivelmente a partir do mesmo lugar. Os membros da comunidade presbiteral vivem juntos, rezam juntos, planejam juntos, atendem conjuntamente. Desta forma, os presbíteros que residem na Paróquia São Sebastião Mártir atendem as seguintes Comunidades: Venâncio Aires, Vila Arlindo e Estância Nova. A comunidade presbiteral das Paróquias da área sul da cidade de Santa Cruz do Sul está se estruturando sempre mais, mesmo ainda não residindo na mesma casa. Esta experiência também foi introduzida este ano em Sinimbu/Herveiras; sendo que a Comunidade presbiteral reside em Sinimbu. Outras ainda estão em formação.

Um dos aspectos positivos neste encaminhamento das comunidades presbiterais é a disposição dos padres e adesão dos fiéis das Paróquias a esta forma de vida comunitária, considerando-a ideal para os presbíteros e para um atendimento qualificado às comunidades. O Espírito Santo nos acompanhe em nossa caminhada diocesana; é preciso ouvir sua voz.

OS PRESBÍTEROS E A COLEGIALIDADE DIOCESANA

Caros diocesanos. Nossa reflexão sobre as Comunidades Presbiterais continua hoje, abordando o tema da formação. Se desejamos multiplicar Comunidades Presbiterais é preciso também dar a devida atenção à formação para a vida fraterna em comunidade.

A *colegialidade (sinodalidade)*, em sentido geral, proporciona o espírito de comunhão como Povo de Deus (Clero, Vida Consagrada, Leigos), pois, a partir do batismo, todos têm a mesma *dignidade*, são chamados à *santidade* e convidados à mesma *missão*, no serviço do Reino (cf. LG 32). Para os presbíteros, a colegialidade adquire caráter essencial, pois eles tornam-se “irmão entre os irmãos, como membros de um só e mesmo Corpo de Cristo, cuja edificação a todos foi confiada” (PO 9). João Paulo II afirma: “O ministério ordenado tem uma radical ‘forma comunitária’ e pode apenas ser assumido como ‘obra coletiva’” (PDV 17; cf. PO 7). O espírito colegial constrói a integração das pessoas e ministérios, das paróquias e setores de vida e missão da diocese. Nenhuma pessoa ou grupo pode viver fechado em si mesmo, separado da vida comunitária: “Não pode existir vida cristã fora da comunidade” (DAp 278). A colegialidade proporciona inter-relação dos diversos setores pastorais, administrativos (econômico financeiros), de formação e outros.

Se a convivência fraterna no espírito da colegialidade é tão importante, a formação inicial estará atenta ao crescimento nas relações fraternas dos candidatos, evitando todas as formas de individualismo e egoísmo: “A experiência da vida comunitária é um elemento precioso e indubitável na formação” (*Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, n. 51). Nas Casas de Formação, “os elos que se estabelecem entre formadores e seminaristas, e entre os próprios seminaristas, devem ser marcados pela paternidade e pela fraternidade” (RFIS 52). O Documento de Aparecida, ao referir-se sobre a formação inicial dos seminaristas, conclui: “É indispensável confirmar que os candidatos sejam capazes de assumir as exigências da vida comunitária” (DAp 324).

A mesma *Ratio Formationis* informa que a vida em comum de presbíteros pode acontecer por iniciativa pessoal ou em virtude de necessidades pastorais, de costume ou situações de caráter

local; a vida em comum se manifesta pela oração comunitária, pela meditação da Palavra de Deus, pela formação permanente, pelo intercâmbio dos compromissos pastorais, pela busca do equilíbrio afetivo e espiritual; a *Ratio Formationis* ainda acentua: “*Será necessário cuidar para que tais formas permaneçam abertas a todo o presbitério e às necessidades pastorais da diocese*” (cf. RFIS 88e).

Comunidades Presbiterais não deveriam ser novidade, pois se trata de um ideal, com fundamentos evangélicos, eclesiológicos e teológicos. Elas ajudam a dar uma resposta mais qualificada ante as necessidades e desafios dos vários setores, sobretudo da pastoral urbana; favorece o exercício dos múltiplos dons da parte dos que formam a Comunidade Presbiteral. Mas continua sendo um grande desafio que exige atenção em todas as etapas da formação presbiteral, seja inicial ou permanente. Por isso agradecemos aos presbíteros (diáconos, seminaristas), consagrados - consagradas e fiéis leigos e leigas que tentam entender, acolher e estimular esta forma de vida e missão em nossas paróquias e diocese, sem defini-la como única. Contudo, precisamos unir nossas forças no espírito de comunhão e de colegialidade para atendermos o povo de Deus a nós confiado. Assim acontece a nossa *diocesanidade*.

SEMANA DA FAMÍLIA

Caros diocesanos. Mesmo em meio a tantas crises de nosso tempo e também em muitos lares sentimos necessidade de destacar a celebração da Semana da Família. Vosso Irmão-bispo saúda as famílias em nome da grande família diocesana, que louva e agradece a Deus, porque, em vós e através de vós, Ele continua a realizar as maravilhas de seu amor. A Igreja sempre deu grande valor à família, considerando-a *“patrimônio da humanidade, um dos tesouros mais preciosos dos nossos povos”*. O Documento de Aparecida a considera *“lugar e escola de comunhão, fonte de valores humanos e cívicos, lar onde a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsavelmente”*. Ela também se torna escola de fé, fazendo dos pais os primeiros catequistas de seus filhos. É com eles que acontece o verdadeiro caminho da iniciação cristã. Assim ela é considerada santuário da vida e pequena Igreja, isto é, *Igreja doméstica* (cf. DAp 302-303).

A Família de Nazaré é modelo referencial da família cristã. Mesmo em meio aos limites humanos, nossas famílias também têm muito de santo e sagrado. O Papa Francisco afirma: *“A grande missão da família é dar lugar a Jesus que vem, acolhê-lo na família, na pessoa dos filhos, do marido, da esposa, dos avós. Jesus está ali”*.

O Padre José A. Pagola se pergunta: Como seria hoje uma família inspirada em Jesus? Apresentaremos sua própria resposta, no texto a seguir: *“A família, segundo Jesus, tem sua origem no mistério do Criador, que atrai a mulher e o homem a ser ‘uma só carne’, partilhando a sua vida numa entrega mútua, animada por um amor livre e gratuito. Esta é a primeira coisa, e a mais decisiva. Esta experiência amorosa dos pais pode gerar uma família saudável. Seguindo o chamado profundo do seu amor, os pais convertem-se numa fonte de vida nova. É a sua tarefa mais emocionante, aquilo que pode dar uma profundidade e um novo horizonte para o seu amor. Aquilo que pode consolidar para sempre a sua obra criadora no mundo. Os filhos são um presente e uma responsabilidade. Um desafio difícil e uma satisfação incomparável. A ação de Jesus, sempre defendendo os pequenos e abraçando e abençoando as crianças, sugere a atitude básica: cuidar da vida frágil daqueles que*

começam a caminhar neste mundo. Ninguém lhes pode oferecer nada melhor... É Jesus quem encoraja, sustenta e orienta a vida saudável da família cristã. A casa torna-se então um espaço privilegiado para viver as experiências mais básicas da fé: a confiança num Deus bom, amigo do ser humano; a atração pelo estilo de vida de Jesus; a descoberta do projeto de Deus para construir um mundo mais digno, justo e amável para todos... Num lar onde se vive o seguimento de Jesus com fé simples, mas com grande paixão, cresce uma família acolhedora, sensível ao sofrimento dos mais necessitados, onde se aprende a partilhar e a comprometer-se com um mundo mais humano”.

Neste espírito, rezemos pelas nossas famílias:

Ó Deus Trindade, comunhão perfeita no amor. Nossas famílias vos louvam e agradecem, por serem chamadas a realizar as maravilhas do vosso amor, no aconchego de seus lares. Sejam ambientes onde a vida humana nasce e se acolhe, generosa e responsabilmente. Cada família possa tornar-se escola de fé, fazendo dos pais os primeiros catequistas de seus filhos, começando em casa o processo da iniciação à vida cristã. Possam tornar-se santuário da vida e Igreja doméstica. Afastai delas o egoísmo, que fere de morte o amor e o compromisso com a vida. Ó Deus Trindade, por intercessão da Família de Nazaré, abençoai nossos lares e transformai-os em vivos sacrários de amor. Amém.

GRANDE MESSE – POUCOS OPERÁRIOS

Caros diocesanos. O evangelista Mateus escreve que Jesus, vendo as multidões que o seguiam, compadeceu-se delas, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas sem pastor. E acrescentou: “*A messe é grande e os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao dono da messe que envie trabalhadores para a sua colheita*” (Mt 9, 36-38). Em seguida, chamou os apóstolos e os enviou para anunciar a Boa-Nova do Evangelho, pois o Reino de Deus estava próximo, estava presente em Jesus e a partir dele com todos os que o acolhiam em sua vida.

Quando penso na nossa Diocese de Santa Cruz do Sul, vejo que este Evangelho está próximo de nós. Vejo muitas pessoas necessitadas de maior acompanhamento, assistência, presença da parte da Igreja, em diversas formas de pastoral. Sim, os operários são poucos e a messe é grande! No tempo de Jesus não foi diferente. O grupo era pequeno e o desafio da missão, enorme. No entanto, a Igreja é um acontecimento inquestionável a serviço do Reino de Deus, que já perdura por mais de vinte séculos.

Na nossa diocese também é assim. Deus age no e através do pequeno grupo de presbíteros, de diáconos, de consagrados/as, de ministros/as extraordinários/as e demais lideranças leigas. A ação de Deus se faz sentir nas diversas pastorais, serviços e movimentos. Quantos encontros de fim-de-semana são realizados em que pessoas leigas procuram as comunidades para celebrar sua vida, para ali aprofundarem sua formação cristã, para fortalecerem sua fé, sua espiritualidade, para fazerem experiência de Igreja, de comunhão cristã. Também os jovens estão sendo mais atraídos pelo novo processo de Iniciação à Vida Cristã, no espírito catecumenal. Também as crianças são bem-vindas, pois elas têm o direito de fazer conosco a experiência da fé e da comunhão eclesial.

Ficamos felizes ao perceber a fé com que se reza a oração pelas vocações: “*Jesus Mestre divino*”. Também hoje Deus não vai ficar insensível aos nossos apelos. Ele continua a chamar e enviar. Temos que fazer a nossa parte, ou seja, os jovens sejam generosos e abertos diante do convite do Senhor; os pais, as famílias alegrem-se com a graça e apoiem o dom vocacional dos filhos e das filhas;

a comunidade estimule com sua ajuda e sua oração; os presbíteros e diáconos, os consagrados e as consagradas sejam testemunhas de vida feliz, entusiasta no serviço ao Senhor e ao povo que lhes é confiado para o pastoreio; que as casas de formação sejam espaços privilegiados para os/as vocacionados/as (DAp 315-316).

Certamente, nossas conversas, observações em relação aos presbíteros, diáconos e religiosos/as, lideranças eclesiais leigas também causam grande influência nas famílias, setores de pastoral, movimentos, serviços, assim como a participação efetiva e afetiva na comunidade eclesial. Dificilmente surgirão vocações de um ambiente onde não se vive e se cultiva com estima a fé cristã. Graças a Deus, iniciamos em 2018 o Seminário Propedêutico Interdiocesano. Os seminaristas seguem na fase de discernimento e decisão. Outros candidatos estão se informando e participando de encontros vocacionais. Duas ordenações presbiterais estão previstas para 2019. Temos 25 possíveis candidatos para Diáconos permanentes, que concluíram a Escola Diaconal no final de 2018. Vários deles já manifestaram os primeiros sinais de que vão abraçar essa forma de vida. Unamos nossos esforços nesta hora da graça de Deus, pois a responsabilidade é também de todos nós. Juntos, clamemos: *“Enviai, Senhor, operários para vossa messe! Dai-nos, Senhor, também o senso de responsabilidade para fazermos nossa parte”!*

Setembro 2019

SETEMBRO – MÊS DA BÍBLIA

Caros diocesanos. Como cristãos católicos, certamente temos consciência que no mês de setembro a Igreja costuma dedicar atenção especial à Bíblia. Este destaque nos ajuda a valorizar a Palavra de Deus em nossas leituras, meditações, Leitura orante e, sobretudo, nas celebrações. Os documentos da Igreja acentuam que a celebração da Palavra é forma privilegiada de encontro com Deus (VD 65), com o Deus da Palavra.

Em vista da importância sempre maior que a Palavra de Deus e, conseqüentemente, sua celebração vem recebendo na vida e missão das comunidades cristãs, queremos refletir alguns aspectos que talvez ajudem a dar à Palavra de Deus seu justo lugar e verdadeiro sentido, tanto como celebração autônoma ou junto aos sacramentos. É inquestionável a veneração da Palavra na vida e missão da Igreja de todos os tempos, mas nem sempre se lhe deu o devido valor de culto. Prova disso, até hoje, é nossa dificuldade em participarmos de celebrações da Palavra, fora da missa ou outro sacramento. Ainda não lhe damos a devida cidadania ou valor celebrativo, como forma de presença do Senhor entre nós (cf. Jo 1, 14).

Nosso objetivo, portanto, será ajudar na descoberta da “*sacramentalidade*” que possui a celebração da Palavra de Deus (VD 56) na comunidade de fé, reunida em oração; sem com isso atribuir-lhe caráter simplesmente substitutivo ou desmerecer a celebração dos Sacramentos, que tem seu valor próprio inquestionável no desenvolvimento da vida cristã. Dando verdadeiro sentido e valor à celebração da Palavra, valorizaremos também a dos Sacramentos, que têm a Palavra de Deus como fundamento e parte constitutiva.

Queremos também, a partir de Documentos da Igreja, valorizar e incentivar as celebrações da Palavra de Deus em nossas comunidades, não simplesmente como um “*mal necessário*” pela falta de sacerdotes ou como simples aula de catequese ou de Bíblia, mas como verdadeiras celebrações litúrgicas que também fazem acontecer a presença de Jesus Cristo Salvador na comunidade de fé que celebra sua vida, junto ou não ao sacramento, com ou sem a presença do sacerdote.

Ao analisarmos a linguagem do Concílio Vaticano II,

constataremos que é afirmada a presença de Cristo nas ações litúrgicas, destacando-se a presença na Eucaristia e demais Sacramentos, mas não como exclusiva, como única forma de presença, pois está também na Palavra: “É *Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja*” (SC 7). E acrescenta-se outra forma importante de presença: a da comunidade reunida na fé, na oração: “*Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: ‘onde dois ou três estão reunidos, eu estarei no meio deles’ (Mt 18, 20)*” (SC 7). E o Documento de Aparecida vem ajudar-nos nesta reflexão, ao afirmar que os fiéis impossibilitados de participar da eucaristia “*podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da ‘celebração dominical da Palavra’, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (1Jo 3, 14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5, 24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18, 20)*” (DAp 253). Isso sem falar em outras formas de encontro com o Senhor (DAp 246ss).

Diante dessa importância que a Igreja dá à Palavra de Deus e sua celebração, a CNBB, no início deste ano de 2019, emitiu novo documento: “*Ministério e Celebração da Palavra*” (Doc. CNBB 108), como subsídio que contém “*Fundamentação bíblico-teológica e orientações pastorais do Magistério Universal e da CNBB, com relação aos ministérios em geral e, em particular, ao ministério da Palavra...confiado aos cristãos leigos e leigas*” (n. 1). Continuaremos essa reflexão nas próximas mensagens.

MINISTÉRIO E CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

Caros diocesanos. Estamos no mês da Bíblia e voltamos a refletir sobre a importância das celebrações da Palavra de Deus. É inquestionável a veneração da Palavra na vida e missão da Igreja de todos os tempos, mas nem sempre se lhe deu o devido valor de culto (cf. OLM 10). Prova disso é a dificuldade dos fiéis em participar de celebrações da Palavra. Por vezes ainda não lhe damos o devido valor celebrativo, como forma de presença do Senhor entre nós (cf. Jo 1, 14). Nosso objetivo, portanto, será ajudar na descoberta da “*sacramentalidade*” que as celebrações da Palavra proporcionam (VD 56).

Para atingirmos esse patamar litúrgico de justa valorização da Palavra de Deus é preciso que a mesma seja bem celebrada nas comunidades, com pessoas devidamente preparadas e dignas. Por isso a CNBB, no início deste ano de 2019, emitiu novo documento: “*Ministério e Celebração da Palavra*” (Doc. CNBB 108), como subsídio que contém “*Fundamentação bíblico-teológica e orientações pastorais do Magistério Universal e da CNBB, com relação aos ministérios em geral e, em particular, ao ministério da Palavra...confiado aos cristãos leigos e leigas*” (n. 1). Portanto, esse documento se ocupa especificamente do ministério da Palavra, confiado aos cristãos não ordenados. Estes, por sua vez, podem ser chamados a cooperar no exercício do ministério da Palavra (CDC cân 759) e somente atingirão seu verdadeiro valor pastoral se estiverem unidos e orientados pelos seus pastores (cf. nn. 2-3); o que exige um plano de formação inicial e o devido acompanhamento posterior. O presente documento deseja colaborar na colocação de fundamentos para tal, apresentando diversos capítulos para a formação:

- *Ministério da Palavra no Novo Testamento*: Apresenta os diversos chamados e enviados para o anúncio da Palavra, no início da era cristã;
- *A Eficácia da Palavra Anunciada*: É Deus que fala pela boca dos seus enviados;
- *O Ministério da Palavra no Ensino do Concílio Vaticano II*: Admitem-se homens ou mulheres, admitidos pelo bispo, para dirigir a celebração da Palavra;

- *O Ministério da Palavra no Magistério Eclesiástico após o Concílio*: Há importantes afirmações em vários documentos. Destacamos a de Bento XVI: “*as celebrações da Palavra são ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor*” (VD 65);
- *A Celebração da Palavra de Deus*: “*As divinas Escrituras sempre foram veneradas como o próprio Corpo do Senhor pela Igreja*” (DV 21). Assim, as celebrações dominicais da Palavra não são novidade pós-conciliar. Toda celebração conterá estes elementos: Deus reúne; o Povo atende; Deus dirige sua Palavra; os fiéis escutam e respondem com fé; a assembleia louva e Deus abençoa seu Povo e o envia em missão;
- *Ritos da Celebração da Palavra*: Ritos iniciais, Liturgia da Palavra, Coleta fraterna, Louvor e Ação de graças, Comunhão eucarística e Ritos finais;
- *Celebração da Palavra e Ofício Divino e Partilha de Alimentos ou Ágape Fraternal*: Comer juntos é um sinal do Reino de Deus e constrói a fraternidade;
- *Orientações Pastorais sobre a Celebração da Palavra*: Os fiéis formam assembleia convocada por Deus e não concentração espontânea. Outros cuidados: há diversos ministérios e serviços na celebração; preparação da comunidade; escolha e reconhecimento oficial do ministro da Palavra; a veste litúrgica;
- *Formação dos Ministros/as*: Formação, espiritualidade, testemunho e missão;
- O documento apresenta 4 Roteiros celebrativos e Rito de Acolhida dos ministros da Palavra.

VALOR DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

Caros diocesanos. Continuamos no mês da Bíblia e voltamos a destacar a importância das celebrações da Palavra de Deus, pois em muitas comunidades, por vezes, ainda não lhe damos o devido valor celebrativo, como forma de presença do Senhor entre nós (cf. Jo 1, 14). Nosso objetivo, portanto, será ajudar na descoberta da “*sacramentalidade*” que as celebrações da Palavra proporcionam (VD 56).

Em mensagem anterior, já apresentamos síntese do mais recente documento da CNBB sobre o tema: “*Ministério e Celebração da Palavra*” (Doc. CNBB 108). O texto contém o seguinte teor: “*Fundamentação bíblico-teológica e orientações pastorais do Magistério Universal e da CNBB, com relação aos ministérios em geral e, em particular, ao ministério da Palavra...confiado aos cristãos leigos e leigas*” (n. 1). Portanto, esse documento se ocupa especificamente do ministério da Palavra, confiado aos cristãos não ordenados. O subsídio tem como objetivo fornecer às dioceses linhas básicas e diretrizes gerais para elaboração de plano de formação e acompanhamento de Ministros da Palavra.

Sempre mais nos damos conta da importância das celebrações da Palavra e da necessária preparação de ministros idôneos e dignos para presidi-las, pois nelas é inquestionável a presença de Cristo na palavra proclamada, assim como também na comunidade de fé e oração. Neste sentido o Documento de Aparecida vem ajudar-nos, ao afirmar que os fiéis impossibilitados de participar da eucaristia “*podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da ‘celebração dominical da Palavra’, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (1Jo 3, 14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5, 24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18, 20)*” (DAp 253). O que nos leva a concluir que as celebrações da Palavra, com ou sem distribuição da eucaristia, são verdadeiras celebrações litúrgicas (SC 7), ou seja, atua-se nelas o mistério da história da salvação (centralizado em Cristo-Páscoa) na vida da comunidade (Igreja) pela ação do Espírito Santo. É a renovação da aliança, o encontro de diálogo entre Deus e seu povo, reunido na fé, que celebra a sua vida.

Esta celebração da Palavra atua e frutifica à medida que houver resposta de fé e compromisso de vida da parte dos que escutam,

isto é, dos que respondem. Dessa forma a proclamação da Palavra de Deus faz acontecer a memória de Cristo, pois ela torna-se *hoje* para nós, no aqui e agora da vida concreta, e continua a salvar, pois “*sempre Cristo está presente em sua Palavra... A Palavra de Deus, portanto, constantemente anunciada na Liturgia, é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo e manifesta aquele amor ativo do Pai que jamais deixa de agir entre os homens e as mulheres*” (OLM 14). Por isso, as comunidades de fé que celebram na ausência do sacerdote não estão órfãs; Cristo habita em seu meio; sua graça é também poderosa nessas comunidades, e não só naquelas que celebram a Eucaristia que, sem dúvida, é a celebração dominical de máximo valor. Isso nos tranquiliza, uma vez que o Documento 43 da CNBB (*Animação da Vida Litúrgica no Brasil*, n. 25) - mostra que a maior parte do povo fiel brasileiro (cerca de 70%) não conta ordinariamente com o presbítero para a celebração dominical dos sacramentos, particularmente da Eucaristia; e nem por isso fica sem o alimento da fé, da comunhão e renovação do compromisso de vida através da celebração da Palavra na comunidade de fé. O que não nos dispensa de enfrentar o desafio vocacional para que todas as comunidades de fé tenham acesso à eucaristia (Cf. Sínodo da Amazônia). O Senhor nos envie operários para a messe: dignos ministros da Palavra e da Eucaristia.

ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

Caros diocesanos. O mês da Bíblia nos proporciona a oportunidade de abordar diversos temas ligados à Palavra de Deus. Hoje, inspirados na *Verbum Domini* de Bento XVI (2010) e no *Documento de Aparecida* (2007), nosso objetivo será orientar nossa atenção à *Animação Bíblica da Vida e da Pastoral*, que consiste na busca constante de ter a Sagrada Escritura como *alma* ou como *vida* de toda ação evangelizadora da Igreja, não simplesmente justaposta às outras pastorais, mas como fonte da animação da vida e da pastoral inteira: “*a Palavra de Deus precisa ser a inspiração de todo o ser e agir evangelizador eclesial*” (*Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*, n. 34).

Esta Palavra, que se fez carne (Jo 1, 14) e deu novo sentido e vida ao mundo, continua viva nas comunidades cristãs, onde somos convidados a dar novo passo: compreender a Palavra de Deus como a *alma* de toda a ação evangelizadora da Igreja, ou seja, uma verdadeira animação bíblica da vida e de toda pastoral. Assim a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura suscita, forma e acompanha a vocação e a missão de cada discípulo missionário de Jesus Cristo e orienta todas as ações organizadas da Igreja. A Palavra de Deus torna-se “*alma da ação evangelizadora da Igreja*” (DP 372; DAp 248 e cf. *Mensagem dos Bispos do Brasil sobre a Palavra de Deus e a Animação Bíblica de toda a Pastoral* - 2010).

Ao se falar em “*Animação Bíblica da Pastoral*”, propõe-se maior conhecimento e assimilação da Palavra de Deus e, sobretudo, um encontro pessoal e comunitário com o Senhor em vista da missão para o Reino de Deus. Assim, a *Animação Bíblica da Pastoral* deve conduzir a um caminho de conhecimento e interpretação da Sagrada Escritura, a um caminho de comunhão e oração com o Senhor e a um caminho de evangelização e anúncio da Palavra de Deus, esperança para o nosso mundo (cf. DAp 248).

Portanto, é hora de uma formação bíblica mais intensa, profunda, sistemática e corajosa; de um contínuo e fascinante contato com a Palavra de Deus, que é Jesus Cristo; de uma forte e vibrante ação evangelizadora a partir da Palavra de Deus. Os bispos do Brasil insistem na importância da Leitura Orante, pessoal e comunitária,

neste processo: “*Com a Bíblia na mão, a Palavra de Deus no coração e com os pés na missão, somos convocados à prática da Leitura Orante*” (cf. *Mensagem dos Bispos...*).

No capítulo 3 das anteriores Diretrizes Gerais da CNBB (2011-2015, n. 44 e 2015-2019, n. 47) encontramos o título: *3.3 Igreja: lugar da animação bíblica da vida e da pastoral*. Nele se reflete sobre a revelação de Deus que dialoga conosco. Sua Palavra pronunciada no tempo foi entregue definitivamente à Igreja para que a salvação seja anunciada sempre e em toda parte. O contato vivencial com as Escrituras é indispensável para o discípulo missionário encontrar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo, aderir ao seu Reino e transmitir sua experiência aos outros. O texto insiste na íntima ligação necessária entre a Iniciação à Vida Cristã e a Palavra de Deus (Leitura Orante). A riqueza de contatos com a Palavra de Deus quer nos conduzir a uma iluminação bíblica de toda vida (Sl 119, 105). Isso acontece através de três caminhos: de conhecimento e interpretação da Palavra, de comunhão e oração com a Palavra e de evangelização e proclamação da Palavra. Neste contexto, a instituição e formação continuada dos ministros e ministras extraordinários da Palavra merecem atenção particular. Enfim, todos os serviços eclesiais precisam fundamentar-se na Palavra de Deus e serem por ela iluminados.

Outubro 2019

DISCÍPULOS E SERVIDORES DA PALAVRA NA MISSÃO DA IGREJA

Caros diocesanos. Mesmo sendo outubro o mês dedicado às missões, continuamos o tema anterior da Palavra de Deus, apresentando hoje o documento 97 da CNBB: “*Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*” (2012), que tem como objetivo primeiro revelar a presença da Pessoa de Jesus Cristo na Palavra de Deus, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14). Contém três capítulos, inspirados no Documento de Aparecida (2007) e na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, de Bento XVI (2010): O *primeiro capítulo* ocupa-se com a manifestação e a busca de Deus que deseja dialogar com o ser humano, chegando ao ponto máximo com a encarnação de Jesus Cristo, o rosto encarnado da Palavra; O *segundo capítulo* mostra que o encontro com a Palavra (Jesus Cristo) suscita resposta de gratidão, na acolhida e no testemunho da mesma; O *terceiro capítulo* indica que a animação bíblica da pastoral se realiza a partir de propostas práticas para a formação, a oração e o anúncio. Esse dinamismo responde às necessidades e desafios para que a Palavra possa ser fonte de renovação em nossas comunidades. A introdução do documento nos apresenta bela e animadora síntese do mesmo: “*Convida-nos a contemplar, com maior amor, o rosto da Palavra, Jesus Cristo. Faz-nos entrar, com imensa alegria, na casa da Palavra, a Igreja. Leva-nos a trilhar, com revigorado ardor, os caminhos da Palavra, a missão*” (n. 3).

Uma das principais intenções do documento é a passagem de uma *compreensão instrutiva* da Palavra de Deus, que a razão e a vontade humana devem acolher pela fé, para uma *compreensão comunicativa*, em que a salvação acontece a partir de um encontro, de forma dialógica, comunicativa. Não se trata de apenas aderir à doutrina de Jesus Cristo, mas à sua Pessoa. Deus quer encontrar-se com a pessoa humana e transformá-la à sua imagem e semelhança, salvá-la; quer entrar em comunhão com ela. Por isso sua Palavra é ação, acontecimento (*dabar*): ela é *viva e eficaz*, sob o agir do Espírito Santo. Esse encontro com a Palavra se realiza, de forma privilegiada, nas celebrações litúrgicas da Igreja, casa da Palavra.

Se a revelação é entendida como encontro e diálogo em vista da comunhão divino-humana, igualmente tornam-se necessárias a abertura e a adesão do ser humano; o primado da graça exige resposta de fé, não como ideia, mas como submissão livre à Palavra escutada e acolhida. A fé é a ponte que possibilita “*o encontro entre Deus que busca e o ser humano que se deixa encontrar*” (n. 23). Assim a fé torna-se encontro com uma Pessoa, à qual se confia a própria vida. Segundo S. Atanásio: “*Deus faz-se homem, para divinizar o homem*” (n.25). Não pode haver discípulo, sem que o Senhor lhe tenha dirigido a Palavra e ela tenha encontrado resposta consciente e livre, como um sim que compromete. Assim compreendida, “*a Palavra de Deus precisa ser a inspiração de todo o ser e agir evangelizador eclesial*” (n. 34). Isso pode ser realizado através dos eixos da *formação* (conhecimento e interpretação da Palavra), da *oração* (comunhão e oração com a Palavra) e do *anúncio* (evangelização e proclamação da Palavra). As linhas práticas de ação, orientadas pela animação bíblica de toda a pastoral, envolvem os membros do Povo de Deus na sua totalidade: leigos, consagrados/as, ministros ordenados. Todo cristão é chamado ao testemunho de acolhida e vivência da Palavra, pois a “*A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela*” (VD 3). Que os ricos documentos da Igreja sobre a Palavra de Deus sejam estímulo na vida e missão de nossa diocese, particularmente na catequese, na liturgia e no testemunho da caridade.

MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO - 01

Estimados diocesanos. O Papa Francisco convida toda Igreja para um Mês Missionário Extraordinário para o presente mês de outubro, lembrando o centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud*, com a qual Bento XV quis dar novo impulso à responsabilidade missionária de anunciar o Evangelho. A proclamação do Mês Missionário Extraordinário tem como objetivo despertar a consciência da *missão ad gentes* (missão aos povos) e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral, de modo que todos os fiéis tenham verdadeiramente a peito o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras (cf. EG 268). Para tal, o Papa pede na sua carta ampla sensibilização das Igrejas Particulares, dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, bem como das associações, movimentos, comunidades e outras realidades eclesiais: *“Que o Mês Missionário Extraordinário se torne uma ocasião de graça intensa e fecunda para promover iniciativas e intensificar de modo particular a oração – alma de toda a missão –, o anúncio do Evangelho, a reflexão bíblica e teológica sobre a missão, as obras de caridade cristã e as ações concretas de colaboração e solidariedade entre as Igrejas, de modo que se desperte e jamais nos seja roubado o entusiasmo missionário”*.

Francisco conclama todas as comunidades para que se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão: *“Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’. Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra”*. Não basta o esforço da autopreservação, mas uma atitude constante de *“saída”*. O Ano Missionário Extraordinário sirva como *“estímulo para superar a tentação frequente que se esconde por detrás de cada introversão eclesial, de todo o fechamento autorreferencial nas próprias fronteiras seguras, de qualquer forma de pessimismo pastoral, de toda a estéril nostalgia do passado, para, em vez disso, nos abriremos à jubilosa novidade do Evangelho”*.

Portanto, a atividade missionária é a tarefa primária, o

paradigma de toda a ação da Igreja e, por isso mesmo, seu maior desafio em todos os tempos. E o Papa Francisco nos exorta a um renovado empenho missionário, na convicção de que a missão rejuvenesce a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. Como já afirmava a *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (Paulo VI), logo após o Concílio Ecumênico Vaticano II: “*Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar*” (EN 13). Seja o presente Ano Missionário Extraordinário muito especial também para nossa diocese sexagenária; renove nosso vigor de discípulos/as missionários/as, considerando-nos todos enviados em missão, a partir do nosso batismo, em nossas famílias, comunidades e na sociedade em que vivemos. Estejamos sempre conscientes que nossa primeira razão de ser Igreja é evangelizar, em todos os ambientes em que vivemos. Acolhamos com alegria o convite do Papa Francisco para o presente Mês Missionário Extraordinário, que temos a graça de viver como batizados que têm como missão: evangelizar. A missão da Igreja é também a nossa missão. O Sínodo para a Amazônia é também nosso Sínodo.

MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO - 02

Caros diocesanos. Estamos no *Mês Missionário Extraordinário*, convocado pelo Papa Francisco, lembrando o centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud*, com a qual Bento XV (30/11/1919) quis dar novo impulso à responsabilidade missionária de anunciar o Evangelho. A centenária carta apostólica, escrita após a Primeira Guerra Mundial, considerou este evento bélico como “*massacre inútil*” e revelou a importância da missão primária da Igreja que é evangelizar, orientada a partir do próprio mandato de Jesus: “*Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos*” (Mt 28, 19-20).

A proclamação do *Mês Missionário Extraordinário* tem como objetivo despertar a consciência da *missão ad gentes* (missão aos povos) e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral, de modo que todos os fiéis tenham verdadeiramente presente o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras (cf. EG 268). Neste sentido o tema escolhido é bem sugestivo: “*Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em Missão no mundo*”. Destacam-se os dois elementos característicos e inalienáveis de todo cristão: o batismo e o anúncio. O Papa Francisco pede vivamente que seja despertado o espírito missionário em todas as instâncias da vida e missão da Igreja e repete: “*jamais nos seja roubado o entusiasmo missionário*”. Seja um tempo privilegiado para a oração, a caridade, a catequese e a reflexão teológica sobre a Missão. Torne-se ocasião para reavivar em todos uma verdadeira conversão missionária e um autêntico discernimento pastoral para que fiéis e pastores vivam em estado permanente de missão (cf. 1ª Carta do Cardeal Filoni – Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos). O Prefeito recordou o chamado de Francisco “*a reavivar o ardor e a paixão dos Santos e dos mártires, sem os quais nos reduziríamos a uma ONG que reúne e distribui ajudas materiais e subsídios*”.

O Papa Bento XV em seu documento secular se referiu à Evangelização como “*a grande e santíssima missão, confiada aos*

seus discípulos por Nosso Senhor Jesus Cristo". Além disso, exortou aos prelados a serem "a alma" da missão: "*Convêm que quantos na vinha do Senhor trabalham, de um modo ou de outro, sintam por própria experiência que o superior da Missão é pai vigilante e solícito, cheio de caridade, que abraça tudo e a todos com o maior afeto; que sabe alegrar-se em suas prosperidades, condoer-se de suas desgraças, infundir vida e alento aos seus projetos e louváveis empresas, prestando-lhes seu concurso, e interessar-se por tudo o que é de seus súditos como por suas próprias coisas*". O Pontífice recomendou ainda aos missionários para que evitem a influência dos nacionalismos; vivam com espírito de pobreza para não se deter em realidades alheias às espirituais; preparem-se diligentemente intelectual e tecnicamente; aprendam as línguas indígenas; e fomentem, antes de tudo, a santidade de vida. Aos fiéis solicitou para animar as missões com a oração, o fomento das vocações e a contribuição material.

Estimados diocesanos. Seja o mês missionário extraordinário, que estamos vivendo, um momento privilegiado para reavivar em nossa vida a graça do batismo, que nos identifica como discípulos e missionários de Jesus Cristo. Portanto, a missão da Igreja é também a nossa missão. O Sínodo para a Amazônia é também nosso Sínodo.

ORAÇÃO DO MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO

Estimados diocesanos. Somos convidados pelo Papa Francisco para unir-nos a toda Igreja para o Mês Missionário Extraordinário, neste outubro que temos a graça de viver, lembrando o centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud*, com a qual Bento XV, há um século, quis dar novo impulso à responsabilidade missionária de anunciar o Evangelho. O Papa, ao proclamar o Mês Missionário Extraordinário, com o tema: “*Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo*”, tem como objetivo despertar a consciência para a *missão ad gentes* (missão aos povos) e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral, de modo que todos os fiéis tenham verdadeiramente a peito o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras (cf. EG 268). Para tal, o Papa pede na sua carta ampla sensibilização das Igrejas Particulares, dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, bem como das associações, movimentos, comunidades e outras realidades eclesiais, pois “*a ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja*” (EG 15).

O Santo Padre nos convida a intensificar de modo particular também a oração – alma de toda a missão. Afirma ele: “*A oração é a primeira obra missionária, que cada cristão pode e deve fazer, e é também a mais eficaz, mesmo que isso não possa ser medido. De fato, o principal agente da Evangelização é o Espírito Santo. E nós somos chamados a colaborar com Ele*”. O Papa aprovou esta oração para o mês missionário extraordinário:

“*Pai Nosso,
o Teu filho unigênito Jesus Cristo,
ressuscitado de entre os mortos,
confiou aos seus discípulos:
'Ide e fazei discípulos todos os povos'.
Recorda-nos que, pelo batismo,
tornamo-nos participantes da missão da Igreja.
Pelos dons do Espírito Santo, concedei-nos a Graça
de sermos testemunhas do Evangelho,
corajosos e vigilantes,*

*para que a missão confiada à Igreja,
ainda longe de estar realizada,
encontre novas e eficazes expressões
que levem vida e luz ao mundo.
Ajudai-nos, Pai Santo,
a fazer com que todos os povos
possam encontrar-se com o amor
e a misericórdia de Jesus Cristo,
Ele que é Deus convosco, e vive e reina
na unidade do Espírito Santo,
agora e para sempre”.*

O mês missionário extraordinário nos motiva a assumir o testemunho cristão, decorrente de nosso batismo, tornando-nos evangelizadores em missão nos diversos ambientes da vida: em nossas famílias e comunidades, no trabalho e na diversão, enfim, na sociedade em que vivemos. O Senhor derrame suas abundantes bênçãos sobre o Sínodo para a Amazônia. Amém.

MÊS MISSIONÁRIO COM ATITUDE

Estimados diocesanos. Nossas mensagens de outubro nos colocaram no espírito do Mês Missionário Extraordinário, convocado pelo Papa Francisco. Junto com a oração e as reflexões, evidentemente, não pode faltar também o testemunho concreto ou atitudes missionárias, seja de modo ordinário ou extraordinário, seja nos ambientes de nossa vida cristã diária ou em nível mais distante (ad gentes = aos povos). Gostaria de apresentar exemplos bem concretos, em que estamos envolvidos:

1. É importante que nós cristãos católicos saibamos que a Igreja do Rio Grande do Sul (Regional Sul 3 da CNBB) assumiu um projeto, chamado: *Igreja Solidária*, com nossos irmãos de Moçambique. Esta solidariedade acontece, sobretudo com orações, envio de missionários/as e coletas: *“Em 2019 o Projeto Igrejas Solidárias Moçambique completa 25 anos. O que para nós, Regional Sul 3, é um momento de profunda ação de graças pelas inúmeras bênçãos que esta ação missionária tem nos proporcionado. Neste período mais de 50 missionários (as) partilharam da sua vida, junto ao povo moçambicano... o que corresponde no acompanhamento a mais de 140 comunidades cristãs. Desta forma, promovendo o seu fortalecimento e crescimento espiritual e social, e contribuindo na formação de inúmeras lideranças a partir de seus ministérios leigos e na vivência da Palavra e da Eucaristia. A presença da equipe se estende para toda a comunidade, além das estruturas eclesiais. Os pequenos projetos sociais que visam o auxílio na educação, sustentabilidade, acesso à água e à saúde têm como objetivo atingir todos aqueles que buscam apoio da Igreja, independente do seu credo. O incentivo as vocações locais, religiosas ou diocesanas é característica marcante do projeto. Para isto, mantemos o lar vocacional de Moma que visa acolher jovens estudantes, vindos das comunidades cristãs após acompanhamento, para discernir a sua vocação. Esta iniciativa que começou em 2009, resulta hoje em mais de 15 jovens que estão nas casas de formação. O esforço dos missionários e missionárias enviados, expressão da fé e da cooperação de nossa Igreja do RS, junto com as lideranças das comunidades, são o*

testemunho vivo em resposta à convocação de Cristo por uma Igreja em estado permanente de missão, próprio de sua natureza e identidade” (Setor das Missões do Regional Sul 3).

2. Há também algumas dioceses do RS que colaboram com projetos de *Igrejas-Irmãs*, em nível nacional. O objetivo desses projetos é partilhar a fé, os dons da graça, as experiências pastorais, pessoas e recursos financeiros como gestos de caridade cristã para com as Igrejas da Amazônia e outras também necessitadas. A diocese de Santa Cruz do Sul já tem construído em sua história uma bela experiência com a Igreja-Irmã de SINOP, onde está nosso predecessor, Dom Canísio Klaus, e o bispo emérito, Dom Gentil Delazari, ambos de nossa diocese de Santa Cruz do Sul.
3. Finalmente, desejo apresentar mais um testemunho missionário e fraterno entre as dioceses da CNBB: o *Projeto Comunhão e Partilha*. Este consiste na ajuda de 1% da arrecadação das diversas dioceses do Brasil para colaborar na formação dos seminaristas das dioceses mais necessitadas. Esta foi uma decisão unânime dos bispos da CNBB (2012) para sermos os primeiros a colaborar uns com os outros. Este espírito de entreatajuda se inspira nos Atos dos Apóstolos, passa pelo Vaticano II e pelas Conferências Latino Americanas e do Caribe. É uma partilha fraterna entre as Igrejas. Continuemos a ser generosos em nossas ajudas às missões. Acompanhemos o Sínodo para a Amazônia, convocado pelo Papa Francisco. É da Igreja, portanto, ele é nosso.

Novembro 2019

MENSAGEM DA DIOCESE – 168

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2019)

JUBILEU DE DIAMANTE DA DIOCESE

Estimados diocesanos. Vivemos intensamente na Diocese de Santa Cruz do Sul o processo da Iniciação à Vida Cristã, na perspectiva de uma Igreja samaritana. Dentro deste contexto, no presente ano de 2019, damos particular destaque à Eucaristia como fonte e centro de toda vida cristã, pois nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja. Ela eterniza o mistério pascal de Cristo em todos os tempos. Mas temos outras boas notícias; uma delas é a celebração dos 60 anos da diocese, no dia 15 de novembro. Respiramos um clima jubilar, com toda a riqueza que lhe é própria, por ser um “*ano da graça do Senhor*” (Is 61, 2 e Lc 4, 19). Até editamos uma revista comemorativa como expressão especial desta data jubilar, resgatando aspectos de nossa história e mostrando forças vivas e atuantes do momento presente e que apontam para o futuro.

Ao refletirmos o significado bíblico do jubileu, nós constatamos que emergem, de seu sentido mais profundo, dois temas em destaque: *Ação de Graças* (Louvor, Glória, Bênção) e *Reconciliação e Paz*. Um Jubileu atinge seu verdadeiro objetivo à medida que os fiéis conseguem externar, com gestos simbólicos e atitudes concretas, seu reconhecimento e sua gratidão diante dos sinais de salvação, operados por Deus, no espaço histórico destacado. Portanto, nós somos os jubilandos. O jubileu deve acontecer em nós, pois ele não é uma simples data histórica do calendário ou referência a um documento. Eu e você somos parte dessa história.

Com fidelidade criativa acolhemos as sementes da fé cristã do passado e caminhamos para um novo tempo. Agradecemos a Deus pelos *Pastores*: bispos, presbíteros e diáconos que aqui atuaram e atuam, em nome da Igreja, para que o Reino de Deus se torne realidade nas diferentes épocas e situações. Que Deus também tenha misericórdia neste ano pelas falhas humanas que, certamente, existiram e existem, mas foram e se tornam pequenas diante do grande espírito de evangelização que sempre orientou e orienta os guias espirituais do Povo de Deus. Louvamos também a Deus pela presença dos *Consagrados/as*, especialmente no campo da educação, da saúde e do serviço social; pelos *Leigos e Leigas* que fazem da Igreja uma Comunidade viva e atuante na expressão de sua fé e

na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário numa sociedade de desiguais. O sonho de um mundo novo, anunciado pelo Evangelho de Jesus Cristo, perpassa os tempos continua na história da diocese e chega a nós.

O Jubileu, parafraseando o Papa João Paulo II, nos faz olhar *com gratidão* para este passado tão rico de fé e amor cristão; abraçar *com paixão* o presente, no sentido de nós assumirmos, como discípulos missionários responsáveis, a construção do Reino da Vida e do Amor, em nosso tempo; e olhar *com esperança* para o futuro desafiador que se descortina diante de nós (cf. NMI 1).

Ao contemplarmos os 60 anos de vida e missão da diocese, nós podemos reviver os sinais da profunda fé que animou sua história. Outrossim, deveremos sentir o convite para abraçar, junto com os demais diocesanos, a construção de uma Igreja viva e atuante, em nossos dias, para que, unindo a experiência de fé e caridade do passado com o novo vigor missionário do presente, possamos contribuir para a construção de um futuro, onde os sinais do Reino da vida e do amor continuem e sejam sempre mais promissores para os que nos seguirão para o futuro.

PALAVRA DE DOM ALBERTO ETGES AO CLERO

Estimados diocesanos. No dia 15 de novembro desse ano, estamos celebrando o jubileu de 60 anos da instalação da Diocese de Santa Cruz do Sul. Respiramos, portanto, um clima jubilar, com toda a riqueza que lhe é própria. Todos os que fazem parte dessa história de seis décadas são jubilandos, convidados a celebrar este “*ano da graça do Senhor*” (Is 61, 2 e Lc 4, 19), com espírito de gratidão e de reconciliação.

Ao voltarmos nossa atenção aos primórdios de nossa diocese, desejamos apresentar parte das sábias palavras de nosso primeiro bispo – Dom Alberto Etges, então dirigidas ao clero e que continuam a ecoar hoje em nossos ouvidos com inquestionável atualidade. Dizia o Pastor em sua *Carta de Saudação*, no primeiro dia da jovem diocese:

“Passarei, agora, a dizer o que espero de vós, prezados sacerdotes, irmãos verdadeiramente amados no sacerdócio e filhos muito diletos em Nosso Senhor. Primeiramente, o que espero de vós, prezados sacerdotes. Antes de mais nada, eu quero que vos aproximeis de mim com toda a confiança, com a simplicidade e a alegria, com que um filho se aproxima do pai e o irmão do irmão. Deo volente, a casa do bispo será a vossa casa, a mesa do bispo, a vossa mesa. Nos vossos cuidados pastorais imaginai que, ao menos enquanto vos estais preocupando, se não antes, o vosso bispo já teve os mesmos e maiores cuidados, já teve as mesmas preocupações. Espero poder ser o hóspede amigo das vossas casas paroquiais, não só nos dias de visita oficial, como o exige a sabedoria tradicional da Igreja através do Direito Canônico, mas no vosso trabalho diuturno junto às almas, no vosso labor quotidiano, que é o que verdadeiramente edifica a Igreja de Deus.

Em segundo lugar, eu quero que vos sintais unidos uns aos outros, amados sacerdotes, assim como os filhos da mesma casa se sabem unidos entre si. Somos tão poucos e a messe é tão grande, que seria trair a nossa missão, se nos dispersássemos, minimamente que fosse, em nossas opiniões e atitudes particulares. Por isso mesmo, sintamo-nos, sempre, mais a serviço da Igreja do que da própria diocese; mais a serviço da diocese, do que a serviço da própria

paróquia ou de outra instituição; mais a serviço desta, do que de algum grupo particular, por mais respeitável que seja. 'Vós sois de Cristo, Cristo, porém, é de Deus' (cf. 1 Cor. 3,23).

Dentro deste espírito da Igreja não nos preocupam preferências de lugar ou de nomeação, e a este propósito é de justiça ressaltada, louvar e agradecer o magnífico exemplo de confiança e de conformidade, que destes, com a vontade da Igreja, esperando tranquila e desprendidamente, cada um no seu posto de trabalho, a fundação da nova diocese. Isto revela, também, como a única pretensão de nosso clero, que é servir; que longe dele estão quaisquer sentimentos de interesse ou de opinião particularista, mas que a grande, exclusiva e nobilíssima ambição de sua vida sacerdotal é a de salvar almas. Este será, precisamente, o terceiro traço de união, que nos ligará entre nós. E o quarto, para dizê-lo logo, pois envolve e fundamenta todos os demais, será o que nos ligar no próprio Deus Nosso Senhor, através de nosso sacerdócio, cada vez mais plenificado na luz e na força da graça de Deus.

Assim, pois, unidos entre nós, porque irmãos no sacerdócio, unidos entre nós, porque deputed ao mesmo serviço exclusivo das almas; unidos em Deus Nosso Senhor através da graça sempre mais atuada no sacramento da nossa ordem, daremos ao mundo de hoje o mesmo espetáculo de desprendimento, de união e de amor, que fez exclamar os homens assombrados ao contato com os primeiros cristãos: 'Vede como eles se amam!'".

**DOM ALBERTO AO POVO DE
DEUS E AOS CONSAGRADOS**

Estimados diocesanos. Dia 15 de novembro passado celebramos a data jubilar dos 60 anos da instalação da Diocese de Santa Cruz do Sul. Continuamos a viver esse clima com espírito de gratidão e de reconciliação. Na mensagem anterior apresentamos parte das sábias palavras de nosso primeiro bispo – Dom Alberto Etges, dirigidas ao clero naquela ocasião. Na mensagem de hoje continuamos a apresentar o que o mesmo Pastor falava ao Povo de Deus e aos Consagrados/as:

“Dirijo-me agora a vós, prezados filhos espirituais em Nosso Senhor, e que providencialmente fostes constituídos o povo da nova diocese. E a primeira coisa que quero dizer-vos é que vos considero, realmente, e quero que vos considereis a vós mesmos, aquele povo eleito, ‘genus electum’, provido daquele sacerdócio real, ‘regale sacerdotium’, que faz de vós a nação santa, ‘gens sancta’, porque um povo conquistado, ‘populus acquisitionis’, com o sangue do sacerdote e da vítima real, que foi Jesus Cristo: ‘Já agora sois o povo de Deus’ (1 Pet. 2,9,10). Em segundo lugar, quero que considereis e tomeis disto plena consciência que, sendo como sois o povo de Deus, sois por igual e por via de consequência, a própria Igreja. Pio XII o disse tão clara e consoladoramente: ‘Os leigos devem ter uma consciência sempre mais clara, não apenas de pertencerem à Igreja, mas de serem Igreja... Eles são a Igreja’ (cf. Alocução de 18/02/1946). Isto deve despertar em vós esta outra consciência, correlata com as duas anteriores: se sois o povo de Deus; se sois a Igreja, então sem a vossa ação como povo de Deus, o fermento da vida de Deus pela graça não pode atuar convenientemente nas almas. É ainda Pio XII que o diz, na mesma ocasião: ‘sob este aspecto, os fiéis e, mais precisamente, os leigos, se acham nas primeiras linhas da vida da Igreja: por eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade humana’. (Ibidem). Vede, pois, prezadíssimos, a que grau de dignidade estais elevados no plano de Deus; isto, torno a repetir, porque sois a Igreja, isto é, ‘a comunidade dos fiéis na terra sob a conduta de um chefe comum, o papa, e os bispos em comunhão com ele’ (Ibidem). A formação desta comunidade será o

nosso grande objetivo: a constituição de sua riqueza interna, pela graça, e a manifestação de sua vida no exterior, pela caridade. É este povo perfeito, agradável a Deus, que todos juntos queremos constituir: parare Domino plebem perfectam!

É esta a hora de mencionar e de saudar, com toda a justiça e toda a gratidão, aquela porção eleita no Corpo da Igreja, que são os religiosos educadores e as irmãs de caridade. Porção eleita, porque escolhidos por Nosso Senhor para a melhor parte – ‘optimam partem elegit’ – consagrando-se à vida de perfeição através dos votos de castidade, de pobreza e de obediência, que constituem a base desse estado de perfeição cristã. Porção eleita, também, porque dentro de sua vocação especial, dedicam-se com abnegação sem limites a duas formas de apostolado principais, tão do agrado de Deus e dos homens: a formação cristã da juventude e o cuidado pelos enfermos e desvalidos. Integrados na vida das paróquias, ligados ao povo cristão por laços tão multiformes de serviço e de caridade, formam os religiosos nas suas comunidades os viveiros prediletos, na diocese, das virtudes cristãs, e da vida sobrenatural, numa consagração de todo o seu ser e querer a Deus e, simultaneamente, numa consagração total de si mesmos ao serviço do próximo, por amor de Deus.

Constituídos, assim, na grande família de Deus; formando um só corpo e animados do mesmo espírito: bispo, padres, religiosos, fiéis, podemos empreender, confiantes a promissora jornada da nova diocese”.

MENSAGEM DA DIOCESE – 171

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2019)

DOM ALBERTO: A SANTIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Estimados diocesanos. A Diocese de Santa Cruz do Sul ainda vive seu clima jubilar de 60 anos. Nas mensagens anteriores apresentamos parte das sábias palavras de nosso primeiro bispo – Dom Alberto Etges, manifestadas na *Carta de Saudação* a todos os diocesanos. Hoje apresentaremos sua palavra sobre a *Santificação da Vida Cotidiana*:

“A vida quotidiana é a que precisa ser sobrenaturalizada. Toda ela. Sem exceção de nada. ‘Quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo pela glória de Deus’ (1 Cor. 10, 3). Tudo, pois, deve servir à edificação da Igreja, da Igreja que somos nós, cada um de nós, todos nós em conjunto. Igreja, que somos todos nós não apenas quando assistimos à santa missa e comungamos; não apenas quando rezamos e recebemos algum sacramento! ‘Somos Igreja’ quando rezamos e trabalhamos, quando nos divertimos e quando conversamos, quando damos esmola e quando lecionamos, quando cuidamos dos filhos e quando vamos em visita a alguém, quando pagamos uma conta e quando prestamos um serviço, quando andamos numa carroça, dirigimos um automóvel ou conduzimos um arado, quando trabalhamos na plantação, na cozinha, no escritório, na lavanderia ou na fábrica; ‘somos Igreja’ nas 24 horas do dia, do dia de trabalho como no dia de descanso, nas festas de família como nas festas de Igreja, da vila, do campo ou da cidade; ‘somos Igreja’ no campo de futebol, no salão de festas, no cinema, no teatro, no clube, tanto quanto na igreja, na capela ou na catedral; ‘somos Igreja’, servindo de padrinho num batizado ou na crisma, assistindo como testemunha num ato de casamento ou no foro a um ato jurídico; em toda parte ‘somos Igreja’, desde o nosso batismo até a nossa morte, desde o nascer do sol até o seu poente e ao seu novo amanhecer. Nada do que é da vida escapa a esta consagração: seja pensamento, palavra ou gesto, seja sagrado ou profano, nobre ou plebeu, grosseiro, rude ou delicado; tudo no plano de Deus deve ser consagrado: ‘quer vigiando, quer dormindo, vivamos em união com Ele’ (1 Tes 5, 10); para isto somos cristãos, para isto temos a marca de Cristo pelo batismo, pela crisma e pelo sacerdócio; é isto que São Paulo quer dizer quando nos exorta: o que importa é

que andeis dignos da vocação do Evangelho, que andeis dignos da vocação que recebestes!... Não adianta dizermos que somos irmãos uns dos outros, se os atos de nossa vida demonstram o contrário; não adianta traçarmos o sinal da cruz sobre nós e pendurarmos o Crucificado na parede de nossas casas, se a cruz não marca constantemente os atos comuns de nossa vida. No dia em que os cristãos, todos os cristãos, compreenderem, que é isto que é preciso santificar, que não são os milagres que contam, mas o dever de cada instante bem cumprido, o minuto de cada hora bem empregado, da alegria vivida com verdadeira e sã alegria, do suor do nosso trabalho santificado como oblação agradável a Deus... No dia em que os cristãos, todos os batizados compreenderem que o lugar de nossa santificação é principalmente a nossa casa, a nossa família, o trato das coisas simples, o 'bom dia' da manhã, o 'boa noite' na hora de deitar, a conversa em roda da mesa, na varanda, na salinha; no dia em que os pais compreenderem que a sua santificação está na educação dos filhos; os esposos, que a doação mútua não apenas a do momento do prazer, mas a da tolerância, compreensão e amor ao longo de todo o dia e ao longo de toda a vida... Esta, a nossa grande e única vocação, por vontade do Senhor, a vossa santificação!'. Estas são palavras de nosso primeiro bispo, Dom Alberto Etges. O Senhor da Vida o tenha na sua paz e nós vivamos a santificação que ele anunciou e testemunhou.

Dezembro 2019

DOM ALBERTO:
JUVENTUDE, FAMÍLIA, PARÓQUIA E SEMINÁRIO

Estimados diocesanos. Ainda celebrando o Jubileu de 60 anos da diocese, mesmo já em pleno tempo de Advento, apresentaremos a última mensagem extraída das sábias palavras de nosso primeiro bispo – Dom Alberto Etges, manifestadas na parte final da *Carta de Saudação* a todos os diocesanos, em que destaca temas que lhe são muito caros: Juventude, Família, Paróquia, Seminário e Vocações Sacerdotais.

“Se conseguirmos estas três grandes coisas: que a juventude viva o seu ideal; que a família cristã atue plenamente a graça do matrimônio; e que a paróquia, miniatura da diocese, se constitua na verdadeira comunidade da família de Deus, firmaremos, sem dúvida, a Cidade de Deus em bases tão sólidas, que seus muros não só resistirão aos assaltos do inimigo externo, mas ainda, o que é mais, garantirão o ambiente todo propício para a verdadeira e total santificação dos filhos de Deus.

Juventude, família, paróquia, eis o trinômio de valores que, se bem atuados, não só garantirão a continuidade dos valores a nós legados por nossos ancestrais, mas ainda os levarão a um florescimento verdadeiramente digno do nosso nome de cristãos. Juventude vivida na graça, família transformada em santuário, paróquia constituída em comunidade, em que todos são irmãos e se amam e se ajudam como tais, nada há que não possa ser envolvido pela graça e informado pelos valores cristãos. E isto é tudo, e isto é o que nos basta. Santificada a vida, tudo estará santificado. A vida no quotidiano, a vida no simples, a vida no comum, a vida das 24 horas do dia!

Para tanto – e aqui voltemos ao início desta carta - basta que nos unamos, primeiramente entre nós do clero, bispo e sacerdotes, que somos os que carregamos a responsabilidade primeira. Clero santo, clero quanto possível numeroso, eis o primeiro requisito para estabelecermos o reino de Deus entre os homens. Estabelecê-lo e levá-lo ao seu verdadeiro florescimento. Por isso, a obra das obras, em nossa diocese, diríamos, em toda a diocese, será a obra do Seminário e a obra das vocações sacerdotais. Obra não só do clero,

mas de toda a diocese, clero e fiéis, de modo especial, dos fiéis. Pois é das famílias que vêm as vocações, das famílias é que vêm os nossos recursos para sua sustentação; das famílias e dos fiéis entre os quais há compreensão dos valores morais e religiosos, dos valores eternos da religião. Por isto, saibamo-nos desde já conclamados como para uma grande cruzada: a cruzada das vocações e a cruzada do Seminário. Não é aqui, certamente, o lugar e o momento de traçarmos os rumos e arquitetarmos os planos da ação futura. Isto, logo a seu tempo, faremos e basta que, desde agora, saibamos que esta vai ser a primeira, grande e sempre continuada obra da diocese”.

Concluimos a série de mensagens que apresentaram textos de nosso primeiro bispo diocesano, Dom Alberto Etges, com as palavras extraídas do início de sua *Carta de Saudação*, em 15/11/1959, as quais expressam seu total espírito de serviço e humildade, e que são concluídas com seu lema episcopal – ‘*Parare Domino plebem perfectam*’: “*Satisfeitas todas as exigências do Direito Canônico e obtida a sagrada ordem do episcopado, estou e estarei a partir de hoje entre vós, mais como irmão do que como pai, mais como amigo do que como superior hierárquico, inteiramente como quem serve, totalmente como quem de si mesmo fez doação, unicamente com o fito de ‘preparar ao Senhor um povo perfeito’ (Lc 1,17)”.*

ADVENTO JUBILAR

Caros diocesanos. Ao celebrarmos os 60 anos de nossa Diocese de Santa Cruz do Sul, também o tempo do Advento deve ter caráter jubilar, pois o jubileu se reveste de muitas e ricas características, com destaque especial para a *ação de graças* e a *reconciliação*, como já frisamos em várias oportunidades. Contudo, um jubileu também reaviva a dimensão da *esperança*, do olhar para o futuro, para o amanhã, em que a história celebrada deve continuar, pois agora chegou a nossa vez de contribuir na sua construção, assim como a vez dos que nos seguirão. O Jubileu, como afirma o Papa João Paulo II, nos faz olhar *com gratidão* para o passado, certamente rico de fé e de amor cristão; abraçar *com paixão* o presente, no sentido de nós assumirmos, como discípulos missionários responsáveis, a construção do Reino da vida e do amor, em nosso tempo; e olhar *com esperança* para o futuro desafiador que se descortina diante de nós (cf. NMI 1).

O Advento sempre traz em evidência a dimensão da esperança em nossa vida. A Igreja o considera como “*tempo de feliz e piedosa expectativa*”. Portanto, este tempo litúrgico objetiva preparar os cristãos para a vinda do Salvador, para celebrar sua presença entre nós, como diz o evangelista São João: “*A Palavra se fez carne e veio morar entre nós*” (Jo 1, 14) e tornar-se nossa esperança salvadora. Vivemos um tempo em que muito precisamos de sinais de esperança e não de promessas vazias. O verdadeiro Natal consiste em acolher Jesus como nosso salvador. Com Ele poderemos dar novo sentido à nossa vida. Ele vem apagar a escuridão do nosso pecado e acender nova luz para devolver-nos o horizonte da esperança e a alegria de viver e conviver. Nosso Deus chama-se *Emanuel = Deus conosco* (Is 7, 14) e esta sua presença se perpetua através de todos os tempos da história humana, sempre reativando nossa esperança.

Se Deus é tão bom para conosco, revelando sua infinita misericórdia em todos os tempos, nós também queremos fazer a nossa parte. Por isso é preciso preparar os ambientes de nossa vida, de nossas famílias, comunidades, paróquias e diocese jubilar através da atitude de reconciliação, a qual somente é possível onde existem humildade e disposição de misericórdia e perdão, tanto no acolher

quanto no conceder. Sabemos que o perdoar é divino, exemplo ensinado por Jesus Cristo na cruz, tornando-se gesto de amor extremo para salvar os irmãos e as irmãs. Nós somos seus discípulos missionários e seremos verdadeiras testemunhas se tomarmos o mesmo caminho, ainda que isto custe renúncias a nós mesmos, a nossos gostos pessoais, ao nosso orgulho ferido. Para termos o ganho de nosso irmão é necessário perder algo ou muito de nós. Por isso é tão difícil perdoar, pois nossa tendência humana quer ganhar até na hora de perdoar, quando se deve chegar ao âmago da gratuidade e do amor.

Como cristãos, aprendemos que na encarnação de Jesus Cristo Deus inicia um gesto inefável de reconciliação com a humanidade, que vai culminar mais tarde na cruz, ao dar a vida por amor. Com o advento preparamos este mistério do Natal do Senhor. Não queremos fazê-lo sozinhos, mas em família, na comunidade, na paróquia, na diocese jubilar e em comunhão com toda Igreja.

Esperamos que o Natal, festa do nascimento de Deus entre nós, seja de fato feliz para todos. Torne-se a festa da família, a festa da paz e do amor. A festa da esperança de um novo tempo em nossa vida, em nossa diocese.

NATAL JUBILAR

Caros diocesanos. Hoje nossa mensagem quer congratular-se com os leitores ou ouvintes, pois temos motivos especiais para alegrar-nos juntos: celebramos o nascimento de Jesus Cristo, o Natal cristão. Celebrar é tornar presente, é dar vida atual ao que foi evento histórico no passado. Então nós não queremos viver um natal sem a presença do motivo central desta comemoração festiva: o Filho de Deus. Neste ano jubilar da diocese temos razões ainda mais fortes para que a presença de Cristo se torne realidade viva. É Ele o motivo central do jubileu e da celebração do Natal. É por causa dele que estamos felizes e queremos acolhê-lo entre nós em atitude de *louvor e ação de graças e de reconciliação*, em nossas famílias, comunidades e todos os setores eclesiais de nossa diocese. Um dos prefácios do Natal do Senhor nos ajuda a entender e expressar esse louvor com as seguintes palavras:

“Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso. Por Ele, realizaste hoje (neste tempo) o maravilhoso encontro que nos dá vida nova em plenitude. No momento em que vosso Filho assume nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade: ao tornar-se Ele um de nós, nós nos tornamos eternos. Por esta razão, agora e sempre, nós nos unimos à multidão dos anjos e arcanjos, cantando (dizendo) a uma só voz: Santo, santo, santo...”

Assim vemos que o Natal do Senhor traz novo sentido para a vida humana, recebendo ela uma dignidade incomparável: Deus, assumindo em Jesus Cristo a natureza humana, vem unir sua divindade à nossa humanidade, dando-nos acesso à vida divina, o que sempre foi o projeto de Deus: *“Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou”* (Gn 1, 27).

Esta teologia faz a Igreja rezar no dia do Natal: *“Ó Deus, que admiravelmente criastes o ser humano e mais admiravelmente restabeleceste a sua dignidade, dai-nos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade”* (Oração do Dia - Missa do Dia). Ou ainda: *“Acolhei, ó Deus, a oferenda da*

festa de hoje, na qual o céu e a terra trocam os seus dons, e dai-nos participar da divindade daquele que uniu a vós a nossa humanidade” (Oração Sobre as Oferendas - Missa da Noite).

O Natal, como nós podemos ver, é também a *festa da reconciliação humana com Deus*. A iniciativa vem de Deus. Seu amor oferece a misericórdia e nós a acolhemos quando rezamos: “*Sejam do vosso agrado, ó Pai, as oferendas da festa de hoje, que nos trazem a perfeita reconciliação e a plenitude do culto divino”* (Oração Sobre as Oferendas - Missa do Dia).

Com esta riqueza teológico-litúrgica das celebrações natalinas os verdadeiros cristãos não se contentam simplesmente com figuras míticas e fictícias de Papai Noel que, sempre mais, induzem a um natal pagão no momento de celebrar o nascimento do Filho de Deus, nosso Salvador e sentido último de nossas vidas. Por isso, seja bem jubilar o nosso Natal: cheio de Ação de Graças e de Reconciliação, com a presença do Deus da Vida e do Amor que nos enche de esperança! Neste clima, nós desejamos para todos os diocesanos e demais ouvintes e leitores um Feliz e Santo Natal! O Deus Menino abençoe a todos!

BOAS VINDAS, 2020!

Caros diocesanos. Estamos para concluir mais um ano de nossa história. Certamente todos nós vivemos momentos significativos e gratificantes que gostamos de recordar e que nos fazem agradecer a Deus e aos que viveram próximos de nós, sobretudo às nossas famílias, aos colegas do mundo do trabalho, aos irmãos e irmãs de nossas comunidades cristãs, enfim, aos que conviveram conosco das mais diversas formas, como nas redes sociais e outros meios de comunicação.

Nossa avaliação do ano também nos traz uma série de preocupações. Vivemos num tempo em que a realidade da vida se apresenta complexa, caracterizada pela violência, pelo isolamento, pelo medo e a insegurança; sentimos, por vezes muito perto de nós, sinais de crise existencial, com desmotivação para viver, e até há pessoas que se desesperam, tirando a vida. Outros perdem a capacidade do diálogo, se tornam intolerantes ou vivem agressivos e isolados. Não é este o mundo que Deus deseja para nós, seus filhos e filhas. O pecado da distância do amor de Deus, de sua Palavra orientadora e da convivência fraterna com os irmãos e irmãs escurece o nosso viver.

Em meio a estes desafios, celebramos mais um Natal. Jesus veio para estar conosco, para animar nossa vida e renovar as relações entre nós. Ele deseja tirar-nos das trevas do pecado para animar-nos, dar-nos esperança, devolver-nos a alegria de viver e conduzir-nos para sua Luz. Em nossa Diocese, no foco da caminhada da *Iniciação à Vida Cristã - na perspectiva de uma Igreja samaritana*, será o *Ano do Sacramento da Crisma ou Confirmação*, sempre em unidade com o *Batismo* (2018) e com a *Eucaristia* (2019). Neste espírito podemos dizer com a Igreja: Iniciamos mais um *ano da graça de Nosso Senhor*. Seja bem-vindo, 2020!

Iniciamos, portanto, o Ano Novo com renovada esperança, pois esta virtude é uma realidade profundamente humana e cristã, necessária em nossa vida. O que somos hoje está aberto diante de nós porque somos seres em constante metamorfose e em busca de plenitude. Esta busca nos lança para fora de nós mesmos, pois não nos sentimos acabados, mas em realização. Poderíamos dizer que

nós mesmos somos esperança. Como afirmam os filósofos: somos o “*homo viator*” (homem em viagem), peregrinos na esperança.

O triste é que hoje muitas pessoas colocam sua esperança em premissas falsas e frustrantes, que não realizam a pessoa humana e até se voltam contra ela. Do ponto de vista teológico, só Deus poderá saciar nosso coração inquieto (S. Agostinho). O próprio Deus, em Jesus Cristo, tornou-se nossa esperança. Na sua encarnação, que culminou no mistério pascal, já se realizou o ideal humano em plenitude. Com Ele veio o Reino de Deus entre os homens, tornando-se o Emanuel (Deus conosco). Sua promessa vale para todos. Ressuscitaremos como Ele para uma vida nova em que desaparecem todas as alienações e limitações. Mas enquanto não se realizar o “*Deus seja tudo em todos*” (1Cor 15, 28), como afirma São Paulo, continuaremos peregrinando na esperança de chegar sempre mais à plenitude do Reino, quando toda lágrima será enxugada (cf Ap 21, 3).

Caros diocesanos. Caros irmãos e Irmãs! No alvorecer do Ano Novo começamos com muita esperança, contando com a bênção do Alto: “*O Senhor vos abençoe e vos guarde. O Senhor vos mostre a sua face e se compadeça de vós. O senhor volva o seu rosto para vós e vos dê a Paz. O Senhor vos abençoe: o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Amém*”. Feliz Ano Novo!

Índice

INTRODUÇÃO	5
O SENTIDO DA VIDA	9
PEREGRINOS E ESTRANGEIROS NESTE MUNDO	11
SAUDADES DO INFINITO	13
SER PONTE DE PAZ E BEM	15
O PERIGO DO RELATIVISMO RELIGIOSO	19
EGO E ALTERIDADE	21
O MITO DE SÍSIFO	23
O DÍZIMO CRISTÃO	25
TEMPO DA QUARESMA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE	29
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019	31
ORAÇÃO E HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019	33
MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A CF 2019 NO BRASIL	35
QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - I	37
QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - II	41
QUARESMA E O TEMA DA CONVERSÃO E DA FÉ - III	43
PÁSCOA - MORTE E RESSURREIÇÃO	45
DOMINGO – DIA DA RESSURREIÇÃO E DA EUCARISTIA	47
DIA DO TRABALHO	51
DIA DAS MÃES - MÃE IDEAL	53
EUCARISTIA – CEIA DE COMUNHÃO	55
EUCARISTIA – SACRIFÍCIO PASCAL	57
EUCARISTIA – AÇÃO DE GRAÇAS	59
EUCARISTIA – PÃO DA MISSÃO	63
FORMAS DE PRESENÇA E DE ENCONTRO COM JESUS CRISTO	65
CORPUS CHRISTI	67
EUCARISTIA E MUNDO DO TRABALHO	69
EUCARISTIA COMO PLENITUDE DO MUNDO CRIADO	73
COMUNHÃO E CULTO DA EUCARISTIA FORA DA MISSA	75
COMUNHÃO FORA DA MISSA E EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO	77

ESTIMA PELOS IDOSOS	79
FUNDAMENTOS PARA COMUNIDADES PRESBITERAIS	83
COMUNIDADES PRESBITERAIS	85
OS PRESBÍTEROS E A COLEGIALIDADE DIOCESANA	87
SEMANA DA FAMÍLIA	89
GRANDE MESSE – POUÇOS OPERÁRIOS	91
SETEMBRO – MÊS DA BÍBLIA	95
MINISTÉRIO E CELEBRAÇÃO DA PALAVRA	97
VALOR DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA	99
ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL	101
DISCÍPULOS E SERVIDORES DA PALAVRA NA MISSÃO DA IGREJA ...	105
MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO - 01.....	107
MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO - 02	109
ORAÇÃO DO MÊS MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO	111
MÊS MISSIONÁRIO COM ATITUDE.....	113
JUBILEU DE DIAMANTE DA DIOCESE	117
PALAVRA DE DOM ALBERTO ETGES AO CLERO	119
DOM ALBERTO AO POVO DE DEUS E AOS CONSAGRADOS	121
DOM ALBERTO: A SANTIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA	123
DOM ALBERTO: JUVENTUDE, FAMÍLIA, PARÓQUIA E SEMINÁRIO.....	127
ADVENTO JUBILAR.....	129
NATAL JUBILAR.....	131
BOAS VINDAS, 2020!	133

